

DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER CONTAR II

CONTOS



**ORGANIZAÇÃO:
KATIA CRISTINA SCHUMANN ZILIO**

**EDITOR:
TIAGO CASSUL PEREIRA**

**DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER
CONTAR II**

Catálogo na Publicação: Flavio Henrique Martins Sartor – CRB14/1602

V229k Das verdades e mentiras que se quer contar II [recurso eletrônico] / Katia Cristina Schuhmann Zilio (org). – 1. ed. Curitiba: Escola Maria Imaculada, 2018.

91p.

ISBN 978-85-54893-01-9

1. Contos 2. Literatura juvenil I. Título

CDD-B869.93

Escola Maria Imaculada

Direção:

Alvacir Merini

Coordenação Pedagógico Educacional:

Raquel Barbosa Rocha

Nadia Tescke

Coordenação de Pastoral:

Elaine Cristina Bastos Medeiros

Coordenação de Esportes e Informática:

Raquel Barbosa Rocha

Secretaria:

Mariza Aparecida Bortolini

Tesouraria:

Mariza de Godoy Gomes

Recepção:

Karoline Fontes

Mecanografia:

Bruna Bastos

Informática:

Tiago Cassul Pereira

Sumário

01. DESESPERO / 7
02. ACORDANDO PARA O PESADELO / 11
03. NÚMERO DESCONHECIDO / 19
04. OSTARA / 22
05. A ALMA CONDENADA / 28
06. INDEFINIDAMENTE ALEATÓRIO / 37
07. UMA NOITE NO BOSQUE / 45
08. O CAIR DA ETERNIDADE / 52
09. UM VISITANTE / 55
10. O SONHO ENTRE OS PÉS / 57
11. A COLÔNIA BLIARCLIFF / 59
12. OS CINCO ENSINAMENTO DA MÁFIA / 62
13. O QUARTO Nº 511 / 67
14. UMA JORNADA SEM VOLTA / 69
15. UM MALDITO SONHO / 72
16. UM ROMANCE OU UMA TRAGÉDIA? / 73
17. VIAGEM DOS INFERNOS / 76
18. DO MAL AO BEM / 78
19. O DIA DA PROVA / 79
20. FIM DO MUNDO / 80
21. EVA / 82

Prefácio

O conto, este estilo profundo e misterioso não esconde- antes ressalta- o talento de nossos jovens autores. E esta coletânea, sabiamente conduzida pela Professora Doutora e, sobretudo amiga, Kátia Zílio – recupera a autoria coletiva dos projetos de incentivo à escrita que têm sido fomentados pelos professores do Colégio Maria Imaculada.

As narrativas destacam episódios curiosos e atuais que ganham contornos e ângulos inusitados nas escritas dos alunos do 2º. Ano do Ensino Médio. Os escritores mostram-se observadores perspicazes do mundo à sua volta e nos surpreendem nos pequenos detalhes que caracterizam o gênero conto, condensando, com naturalidade, a diversidade e a riqueza das histórias sobre o ser humano.

A força e a delicadeza dos textos produzidos para esse trabalho vão fazer com que conheçamos melhor as “narrativas escolares” e a importância da autoria dos jovens.

Professora Mestre em Educação Juliana Scoss Boll

Desespero

Sofia Shizu Kobashikawa Nakamura

Aquele dia era para ser mais um dia comum em sua visão. Acordar em meio ao frio congelante de inverno, tomar um bom banho quente para se aquecer, comer qualquer coisa que encontrasse em meio àqueles bagunçados armários e, após isso, ficar jogada no sofá encarando o nada esperando sua hora de ir para a faculdade.

Mas o universo resolveu brincar com a mente sã da mulher, encurralando-a em suas próprias dúvidas de quem ela era e o que ela fizera, deixando-a mais e mais assustada. Cada vez mais pensamentos corriam em sua cabeça, abalando seu emocional, fazendo-a ficar instável.

Assim desesperada, ela procurava pelo celular naquele cômodo mal iluminado e um pouco sujo devido à sua falta de organização, atrás de sua última esperança.

Suas mãos trêmulas e geladas, tateavam por todos os possíveis locais, deixando marcas de suas digitais impressas. Cama, armário, escrivaninha e até a cabeceira. Nada. E o desespero já tomava conta de seu pequeno e frágil corpo.

Pessimismo, era o único tipo de pensamento que lhe ocorria.

Não queria ter que sair daquele quarto, que até agora representava seu porto seguro, para enfrentar o que esperava fora de sua bolha. Só de pensar arrepios subiam por sua espinha, fazendo com que seus movimentos parassem abruptamente, não realizando mais nada, por mais que sua mente gritasse.

Sem jeito, lentamente abre a porta do quarto, que rangia a cada mínimo movimento feito, mesmo aqueles calculados cuidadosamente. Seus passos ecoavam pelos silenciosos cômodos e corredores, eles pareciam mais assustadores do que normalmente eram. Até sob a luz do luar não eram tão horripilantes como hoje. As pinturas lhe encaravam como se estivessem julgando-a por algo errado feito em seu passado e as fotografias que

felicidades retratavam, agora só eram um passado distante de sua bolha cor-de-rosa.

Um brilho vindo da cozinha, à sua direita, chama-lhe a atenção. Os móveis bem-dispostos, cujas cores agora pareciam estar sem vida alguma, dificultavam a sua passagem até o balcão da pia. Aquele brilho gritava para que notasse que seu celular, tão procurado, estava sobre ele.

Com suas mãos trêmulas pega o pequeno aparelho de metal, gelado e pesado e logo começa a discar um número não muito familiar, já que nunca havia precisado ligar para ele.

Beep... Beep... Beep...

O mesmo som continuou a se repetir, fazendo seu coração se apertar e acelerar a ponto de explodir. Em seu pensamento, talvez isso não fosse uma péssima ideia. Ela poderia se livrar de todo peso que estava em seus ombros.

- No que posso ajudar? – A voz calma ressoa por aquele pequeno alto-falante.

- Me ajude... – A voz sai fraca, como se algo a enforcasse e tirasse toda sua capacidade de fala.

- Se isso for um trote, desligarei imediatamente. – A voz feminina fala agora levemente irritada pelo alto-falante.

- Por favor... – Suas lágrimas começam a cair, deslizando por suas bochechas pálidas. – Não sei o que fazer...

- Tente se acalmar. Respire fundo até três junto comigo. – ela faz o que lhe é instruído, ouvindo a voz calma. – Conte o que aconteceu, para que eu possa te ajudar.

- Um homem entrou em minha casa, não sei o que queria, mas naquele momento estava me vestindo para ir para a faculdade e ouvi algo como um copo se quebrar. Saí de lá com muito medo... – E assim uma pausa é feita, na tentativa de lembrar claramente todos os fatos. – E com um taco de beisebol. Ele estava lá, tentando desmontar meu computador. Eu... eu... simplesmente bati nele como o meu taco e ele caiu no chão. Não sei se está morto ou desmaiado. – A agonia em sua voz era clara. – Não sei... por favor me ajudem.

As lágrimas nesse momento se intensificaram e a voz no celular, levemente aquecido pelo calor de sua orelha, agora não faziam mais sentido. Não passavam de chiados irritantes. Suas mãos estavam agora sem forças, permitiu que aquele pesado aparelho em sua mão caísse no chão fazendo sua tela trincar devido ao impacto.

Suas pernas fraquejavam, fazendo-a sentar naquele chão seco e gelado, perdendo todo seu calor corporal para o chão. A única coisa que conseguiu realizar naquele momento foi abraçar suas pernas. Seu estado mental frágil, já criava diversas possibilidades do que poderia ocorrer dali a frente. Nenhuma delas conseguia fazê-la sorrir ou ter pelo menos um fio de esperança. Todas as opções eram de uma forma ou outra ruim.

Em sua mente pensamentos como assassina, desumana e até mesmo monstro, rodavam, deixando-a zozna.

Não sabia mais do tempo, sua mente estava completamente desligada do mundo exterior. O relógio pendurado naquela parede branca com detalhes de arabescos escuros, não passava de algo distante.

A porta começa a emitir sons como batidas, cada vez mais forte, fazendo-a sair daquele transe logo se forçando-a a levantar para atender.

A porta é lentamente aberta, como se um monstro a esperasse do outro lado, mas diferente da porta do quarto, não emitiu nenhum ruído, já que era nova. Dois homens e uma mulher entram no pequeno apartamento. Um dos homens com uma roupa totalmente branca, corre em direção àquele que estava caído manchando o chão limpo com sangue, checando se ainda havia vida no corpo imóvel.

O outro homem que vestia a farda policial a faz sentar na cadeira da mesa da cozinha, enquanto a mulher também fardada, pega um copo de água e sai à procura do açúcar, despejando no copo para logo em seguida entregar a aquela moça desesperada, na tentativa de acalmá-la.

Mais calma responde tudo o que lhe é perguntado, repetindo o mesmo que havia falado com a voz calma do alto-falante.

Com um pedido acolhedor, o homem com a farda policial, pede para que ela os acompanhe até a delegacia para registrar o ocorrido. A mulher coloca sua mão sobre a mão da moça, assegurando que nada de ruim irá acontecer se colaborar com o caso.

Assim eles saem do apartamento apenas deixando o médico e aquele homem caído no chão naquele espaço. É certo que provavelmente tudo voltaria a assombrar a mente da mulher desesperada.

Acordando para o pesadelo

Daniel Marques dos Reis

Carlos acordou, Ai! Minha cabeça dói, ao redor dele, centenas de pessoas estavam sentadas ou deitadas no chão, confusas como ele, O que está acontecendo, pensou enquanto olhava ao redor. O homem ao lado dele segurou seu braço, Ei, você sabe onde a gente está? Não, não sei, ele não tinha nem ideia, na verdade ele ainda estava tendo problemas para processar os acontecimentos. A última coisa que ele lembrava era de estar indo para o trabalho. Era contador, ganhava uma ninharia, mas isso não vinha ao caso, pelo menos não agora. Depois disso tudo ficou escuro, e ele apareceu aqui.

Uma voz feminina ecoou: Sejam bem-vindos. Ele olhou em volta, tentando identificar a origem da voz, mas em vão, ela parecia vir de todos os lugares, inclusive da cabeça dele. E a dor de cabeça aumentava com cada palavra. Vocês devem estar se perguntando onde vocês estão, disse a voz. Eles estavam mesmo. E a voz explicou. Ela explicou onde estavam, o que tinha acontecido, e várias outras coisas. Ela explicou que eles estavam em outro lugar, que eram só peões em jogo de tabuleiro para que uma raça superior brincasse. A voz explicou que qualquer caminho que seguissem levaria ao final, mas que nem todos chegariam lá. A voz não era nem um pouco sensível.

A dor de cabeça foi embora. No lugar dela, um frio assustador e um medo que vinha do fundo da alma apareceram. “Vocês podem começar”, a voz disse.

Sem ninguém notar, várias portas apareceram nas paredes. A maioria das pessoas ainda tentava digerir o que estava acontecendo, mas alguns mais corajosos já passavam pelas portas, e sumiam. Cada vez mais pessoas entravam e sumiam. Carlos tomou coragem e foi. Ele não era o único naquele caminho, mas ali, ninguém conhecia ninguém, todos caminhavam separados, cada um com seu medo, medo do caminho, dos outros e de si mesmo.

Algumas pessoas ficaram para trás, não querendo acreditar no que estava acontecendo. As portas fecharam. Parece que temos alguns covardes

aqui, disse a voz. Algumas mulheres choravam sentadas no chão, um homem cujo rosto tinha uma cicatriz socava o chão enquanto murmurava algo incompreensível. Gritos aterrorizantes soaram, mas Carlos não ouviu, ele já estava no caminho.

Ele não sabia quanto tempo tinha andado quando viu os primeiros sinais. Uma mancha escura na parede, uma marca no chão. Talvez fosse sujeira, talvez fosse algo pior. O corredor era escuro, algumas pedras no teto soltavam uma luz azulada, que mal dava para iluminar as coisas na frente dele. Isso é assustador, pensou. Como que para reforçar esse pensamento um grito veio pelo corredor na frente dele. O corredor era extenso, não dava para ver o fim. Carlos começou a suar frio. Quando as outras pessoas tinham sumido? Ele tinha certeza que até pouco tempo havia um homem na frente dele.

“Splash!” O pé dele encontrou algo líquido. Líquido, mas gosmento. Ele realmente não queria descobrir o que era. Outro grito, e mais outro. E outro. E de repente, silêncio. Ele andou mais duzentos metros. Alguma coisa brilhou no chão. O que é isso, perguntou uma voz na cabeça dele. Parece uma faca, respondeu outra voz. Ótimo, estou começando a ficar louco. Ele se abaixou e pegou a faca. Era uma daquelas facas de cozinha, cabo azul, lâmina mole. Alguém devia estar usando quando veio para este lugar. A pergunta era: por que alguém a largou aqui? Ele tinha certeza que a resposta não era boa.

Ele descobriu a resposta logo. Mal tinha andado dez metros e um buraco abriu na frente dele. Alguém, ou melhor, alguma coisa agarrou as pernas dele e o puxou para baixo. Ele caiu com o rosto direto no chão, a boca encheu de poeira. Ele sentia sangue escorrendo do nariz. Era a última de suas preocupações. Pegou a faca e mirou onde achava que estava a coisa que tinha agarrado ele. Recebeu um grito de recompensa. A coisa o soltou. Ele rolou para trás, mas o buraco já havia se fechado, e não apareceu de novo, pelo menos por enquanto. Que merda foi essa, gritou.

Ele ficou olhando para o escuro, tentando ver se vinha mais alguma coisa. Não veio. Continuou caminhando, ficar parado não ia adiantar nada. Agora já sei o que aconteceu com aquele cara. Mais à frente, ele viu um grupo de pessoas conversando. Eles pareciam assustados. Dois homens e uma mulher. Carlos não queria passar por eles, eles lhe davam uma sensação ruim,

mas só tinha um caminho. O-o-oi, eles se assustaram, saltaram dois passos para trás e viraram para Carlos. Quem é você, perguntaram. Quem são vocês, ele rebateu. Notando que era somente mais uma pobre alma como eles, o grupo se acalmou. Desculpa, a gente está meio assustado, eu também estou. Você tem alguma ideia do que está acontecendo, não, sei tanto quanto vocês. Certo, agora que todo mundo está mais calmo, vamos nos apresentar. Eu sou Gabriel, esse é o Tunico e essa é Natasha, o homem, Gabriel, apresentou todos. Eu sou o Carlos. Eu acho que a gente podia ir andando junto, afinal todo mundo vai para o mesmo lugar. Quando o homem falou isso, um calafrio percorreu o grupo, ao lembrarem que não sabiam para onde aquele caminho levava.

Eles passaram mais uma hora caminhando. Estou com fome, reclamou Natasha, todos estamos, mas não tem nada pra comer. De repente as luzes do corredor diminuíram de intensidade, Sss, um barulho de vento soou. Que porra foi essa, Natasha começava a se desesperar, os outros estavam tremendo de medo. Carlos olhou ao redor. Um, dois, três, quatro, cinco. Gente, tem uma pessoa a mais aqui... É... o quê?!

Ahhhh, alguém gritou, o barulho de algo caindo no chão, duas das sombras sumiram, as luzes voltaram. No chão, só uma das sombras podia ser vista. Era Tunico, em seu pescoço um buraco, do qual escorria sangue. Ninguém ligou para ele. Cadê, cadê aquela coisa, Natasha estava desesperada. Carlos ficou impressionado pela frieza que eles demonstraram diante do cadáver de quem até há pouco caminhava com eles. Mas depois ele notou a própria frieza, o fato dele simplesmente olhar para o corpo e não sentir nojo ou náusea, a única coisa que ele sentia era um leve incômodo. Talvez esse seja o objetivo do babaca que criou isso, nos transformar em monstros. Na verdade, no fundo, Carlos sabia que em algum momento isso ia acontecer, só foi mais rápido do que ele esperava.

Os três ficaram de costas uns para os outros, mas, mesmo depois de dez minutos de espera, nada apareceu. Gabriel sugeriu que eles fossem andando, porém, agora, eles estavam sendo muito mais cuidadosos. Agora cada sombra no caminho parecia um assassino. O caminho continuava escuro,

alguma coisa estava incomodando Carlos, como se sua mente estivesse avisando que tinha algo muito errado.

Ei, vocês notaram uma coisa, não tem mais barulho, disse Natasha. Ela tem razão, agora quem falava era Gabriel. Carlos apurou os ouvidos, e não escutou nada, era isso que o incomodava. Antes, por mais que não houvesse ninguém à vista, no caminho, eles ainda podiam escutar vozes, barulho e um grito ocasional, era impressionante o quão rapidamente você se acostumava com certas coisas, de tal maneira que elas viravam um pano de fundo, como se fosse aquela música que você deixa tocando enquanto faz outra coisa, mas quando alguém desliga a música, isso te incomoda. Era o que acontecia agora. Eu estou com um mau-presentimento, disse ele. Jura? Rebateu Gabriel.

Na frente deles havia uma curva. Os três andaram lado a lado, Carlos tirou a faca do bolso sem os outros notarem. Passo a passo eles caminharam para a curva. Não dava para ver o que tinha depois da curva. As respirações aceleraram. Suor frio escorria pelas costas. Com cuidado, devagar, eles fizeram a curva. No fim dela, entre as sombras e a escuridão, havia... nada.

Na verdade, havia alguma coisa. Uma parede. Uma parede de pedra, igual a todas as outras. E agora? Carlos estava para responder, quando o chão abriu. Eles caíram por alguns metros. Quando eles chegaram ao chão, Carlos desmaiou.

Aos poucos ele acordou, e descobriu que ao contrário do que ele esperava, ele não estava mais no labirinto de antes, e sim em uma caverna, que era gigante, com um teto de pelo menos 40 metros de altura e, bem no centro dela existia uma pedra gigante, que emitia uma luz amarelada, de forma que toda a caverna estava iluminada. Onde eu estou?

Carlos se levantou, a algumas dezenas de metros de distância, um acampamento estava montado, com várias pessoas passando nele. Onde nós estamos? Ninguém sabe, mas tem comida e água, disse uma das pessoas. Realmente tinha. Frutas, pães e água estavam em diversas mesas.

THUD! Carlos se virou para olhar na direção do barulho, uma pessoa tinha aparecido perto de onde ele estava deitado antes. Não se preocupe, de vez em quando alguém aparece assim, disse uma voz conhecida.

Natasha apareceu. Vem! Eu e o Gabriel estamos por aqui. Carlos seguiu-a pelo meio do acampamento, até chegar a um canto dele, onde havia algumas mesas com bastante comida e água. Lá, Gabriel e alguns outros homens e mulheres estavam ouvindo um homem. Ele era loiro, tinha o nariz proeminente e um olhar arrogante. Além disso, Carlos não pode deixar de notar a pistola presa na cintura dele. Ele lembrou de uns gangsters que o roubaram uma vez.

“... comida e água não são infinitas, por isso precisamos juntar o máximo que pudermos, e nos reunirmos para nos protegermos.” Ele estava dando um discurso quando Carlos chegou. Várias pessoas concordaram com ele, dando olhares bajuladores e invejosos para a arma dele. Ora, o que temos aqui? Todos se viraram para olhar para Carlos. Nós o conhecemos no labirinto, Gabriel se manifestou.

Nós não podemos ter mais uma boca inútil para alimentar, o homem nem olhou para Carlos direito antes de mandá-lo embora. Mas Alberto! Natasha tentou falar algo, foi logo cortada por Alberto. Não venha com essa, se quiser pode ir embora passar fome com ele. Com uma última olhada para Alberto, Carlos simplesmente virou as costas e foi embora sob os olhares raivosos, sarcásticos e, no caso de Natasha, arrependido. Covarde, vai embora mesmo, ele ainda conseguia ouvir algumas pessoas falando.

Depois de andar pelo acampamento e conseguir alguma coisa para comer, ele foi até um canto vazio e se deitou para dormir, lembrando de esconder bem a sua faca.

Assim, alguns dias se passaram. Carlos havia acabado de conseguir uma maçã e um cantil d'água e estava andando no acampamento quando ouviu alguém gritando. Junto com outras pessoas ele foi ver o que era. Um círculo de pessoas havia se formado, e no meio dele estava uma senhora de idade, agarrando um pedaço de pão numa mão e um menino na outra. Na frente dela, estava Alberto, cercado por seus capangas, incluindo Gabriel.

Você não pode pegar isso! A senhora puxou o pão para longe das mãos de um dos homens. É só o que meu neto tem para comer. Hahahaha, e daí? Alberto empurrou o homem para o lado, mandando-o de cara no chão.

Ainda assim, ele não fez nada, só olhou com raiva, mas não se atreveu a falar algo. Alberto avançou, chutou a barriga da senhora e arrancou o pão das mãos dela. Vovó! Felizmente alguém puxou a criança para fora do círculo, antes que Alberto fizesse algo com ela.

Alberto olhou para as pessoas em volta, antes de rir. Vocês não vão fazer nada para ajudar uma pobre senhora e seu netinho? Ninguém se mexeu, incluindo Carlos. Alberto brincou com o cabo de sua arma e cuspiu no chão. Bando de maricas.

Ele escaneou todos, antes de seu olhar se fixar em Carlos, ou mais especificamente na maçã e no cantil em suas mãos. Ora, ora, olhe quem veio. Parece que você está bem alimentado, por que não divide isso com um pobre esfomeado como eu? Ele esticou a mão para pegar a fruta, mas Carlos tirou-a do alcance dele. Alberto arregalou os olhos e ficou com o rosto vermelho, antes de respirar fundo e se acalmar. Alguém está corajoso, riu ele. Gabriel! Surpreso, Gabriel deu um passo à frente, e olhou para eles de forma incerta. Ensine uma lição pra ele!

Devagar, Gabriel parou na frente de Carlos e implorou: Vamos fazer isso do jeito mais fácil, entrega as coisas de uma vez. Em vez de responder, Carlos colocou as coisas no chão atrás dele, e se colocou em uma posição de luta, ao mesmo tempo que apertava o cabo da faca escondida em suas mangas. Gabriel suspirou e, de repente, jogou-se em cima de Carlos. Toda a sua pena e relutância desapareceram, e Carlos percebeu que tudo tinha sido uma farsa.

O peso de Gabriel derrubou Carlos, e eles rolaram pelo chão, tentando tomar vantagem. Enquanto eles brigavam, Alberto olhava rindo, como se aquilo não fosse mais que um jogo.

Finalmente, Gabriel conseguiu ficar por cima de Carlos, e começou a desferir socos no rosto dele. O nariz de Carlos começou a sangrar, e com esforço ele empurrou Gabriel, deu uma cotovelada no rosto dele e se levantou. E Alberto continuava rindo.

Os dois se encararam, e Carlos tirou a faca da manga. Gabriel, vendo aquilo, hesitou.

BANG! Um buraco apareceu ao lado do pé de Gabriel, soltando fumaça. O que você está esperando, disse Alberto. É só uma faca de cozinha. Gabriel começou a andar em círculos, procurando a melhor posição para atacar Carlos. De repente, ele chutou o chão na sua frente, fazendo uma nuvem de poeira que acertava os olhos de Carlos. Aproveitando a chance, ele agarrou o pulso de Carlos, e o torceu, fazendo a faca cair longe deles. Novamente, eles se embolaram no chão, tentando dominar o outro.

Quando eles estavam no chão, Gabriel aproveitou para sussurrar algo no ouvido de Carlos: Prepare-se. Aproveitando o impulso de um chute de Carlos, ele saiu rolando, e caiu nos pés de Alberto.

Novamente de pé, eles se olharam, e de repente, Gabriel pulou. Mas não na direção de Carlos, e sim na de Alberto. Pego de surpresa, ele disparou diversos tiros, que acertaram não somente Gabriel, mas também vários dos observadores. Enquanto Alberto ainda estava em choque com o que havia acontecido, uma sombra apareceu atrás dele e enfiou uma faca em seu olho.

Era Natasha, segurando a faca que antes era de Carlos. Alberto agora convulsionava no chão, mas Carlos o ignorou e segurou Gabriel, agora com dois buracos no peito. Seus lábios se mexiam, enquanto ele falava algo. Carlos aproximou seu ouvido da boca dele, Desculpe...

A vida se esvaiu de seus olhos. Ao mesmo, a pedra encravada no teto, que estava soltando a luz da caverna brilhou cada vez mais, ao ponto de se tornar cegante.

Meus parabéns, vocês foram impressionantes, nunca achei que tantos passariam pelo labirinto ou a caverna. Um calafrio desceu pela espinha de Carlos. Era a mesma voz do começo do labirinto. Aquela voz que parecia inofensiva, mas que colocou todos eles naquela situação.

A luz da caverna brilhou uma última vez, e diminuiu. Uma passagem apareceu. Carlos olhou para Natasha, e juntos eles entraram nela.

Na saída, eles chegaram em uma praia. Pequenas ondas quebravam na areia, parecia o local perfeito para passar as férias. Alguma coisa dizia para Carlos que eles não iam descansar. A voz logo confirmou. Agora, sua próxima tarefa é escapar desta ilha.

Carlos e Natasha se olharam e ela apertou a mão dele.

Eles passaram por terríveis experiências, mas isso era só o começo.
Os desafios ainda não acabaram.

Número desconhecido

Mariarita da Silva

Faz mais ou menos cinco anos que saí da casa dos meus pais, sem muita rebeldia, só busquei uma fonte melhor para meus estudos. Mudar para cidade grande sempre foi uma dificuldade para quem vivia em cidade pequena, mas eu me acostumei rápido, gostava daquele sentimento de pessoa evoluída e mente aberta, aqui ninguém cuidava da vida do outro, o pensamento era independente. Eu certamente não voltaria mais para a minha cidade natal, principalmente agora que eu já estava formada e estável financeiramente.

Geralmente na segunda feira eu acordava as 6h45, para conseguir tomar café e pegar o metrô antes do horário de pico, eu até poderia ir de carro, mas na segunda meu carro não pode andar no rodízio de São Paulo. Coloquei todas as minhas coisas na bolsa e fui trabalhar. Acordando nesse horário, lá por 7h25 eu já estava saindo de casa, conseguia pegar o metrô, tranquilamente, e chegar no horário certo do meu trabalho. Faz mais ou menos um ano que sou formada em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Atualmente trabalho em uma empresa na Galeria Paulistano, no centro de SP, a mesma na qual fiz o estágio da faculdade. Gostaram de mim e consegui emprego fixo. Na volta para casa, infelizmente é impossível não pegar o horário de pico do metrô, saindo do trabalho às 17h30min, até chegar na estação, já está começando a lotar, mas eu já estou acostumada, quando se ama o que faz, esses pequenos detalhes a gente anula.

A semana passou voando, o mês de setembro também voava, quando a gente menos espera já é fim de semana, mais um. Chega o último dia da semana, eu só quero minha cama, ficar de boa no meu apartamento (que na verdade é alugado). Amava minha privacidade, por anos não a tive. Morar em um pensionato é bom em partes, durante os longos 5 anos da faculdade não precisei me incomodar com água, luz, internet, almoço e etc, mas em compensação, não tinha a quantidade de privacidade que tenho morando no meu “apê”. O pensionato era só para mulheres, de ótima qualidade por sinal, mas seu quarto vira a sua casa, é o único lugar que você tem 100% de

privacidade (se você não dividir o quarto, é claro). Nesse, onde eu morava, tinha café da manhã, almoço, sala de estar, academia e sala de tv, mas tudo isso não se compara ao lugar onde moro atualmente, agora eu posso ter minha gatinha e assistir às minhas séries sozinha, na sala, sem interrupções, e o almoço não é um problema pois como todo dia no restaurante perto da empresa, assim foi fácil me acostumar.

Já era tarde da noite, sexta-feira, estava em casa, já havia tomado banho e estava pronta para sentar no sofá com a Blair (minha gata de 6 meses) e maratonar *How To Get Away With a Murder*. Exatamente 22h15min, meu celular tocou, senti um frio na barriga. Achei estranho, pois eu nunca recebo ligações a essa hora, depois senti aquele “pressentimento” estranho que me atormentou tão friamente. Atendi. O silêncio tomou a linha do telefone até que eu disse “Alô?”, a partir disso, com alguns chiados, começou a tocar uma música digna de trilha sonora de filme de terror, um sentimento ruim tomou meu corpo... Eu já havia escutado aquela música. Um trecho da música tocou por uns 5 segundos, depois disso iniciou-se uma conversa, pareciam comandos de guerra feitos por um walk talk, com muita interferência, era difícil entender o que diziam. A música para. Desligo meu celular. Aquela ligação trouxe um sentimento ruim, achei melhor tomar um chá e ir dormir, às vezes o cansaço faz dessas.

No meio da madrugada acordo bruscamente de um sonho, talvez tenha sido um pesadelo, demoro pra raciocinar e lembro que a cena do sonho era com a minha tia, tia querida que morreu há um ano em um acidente de carro, a música que tocava no rádio durante o sonho, era a mesma da ligação, a mesma que agora me lembrando, minha tia havia me mostrado quando criança, ela amava aquela música, “You Are My Sunshine” de Jimmie Davis, ela falava que era a música dela para mim, e sempre colocava no rádio da casa da minha avó. Um trecho da música dizia:

“Você é meu raio de sol, meu único raio de sol. Você me faz feliz quando o céu está nublado. Você nunca saberá, querida, o quanto eu te amo. Por favor, não leve meu raio de sol para longe.”

Tentei voltar a dormir, mas aquilo estava me atormentando de um jeito, estava quase suando frio, me perguntava, por que aquilo estava acontecendo

comigo? Era muita coincidência, aquele sentimento ruim, a ligação, o sonho, nada fazia sentido...

A insônia não me deixou dormir durante 7 dias, minha vida já estava monótona: acordava, ia para o trabalho, voltava, dormia (ou quase), parecia que aquilo estava sugando as minhas energias, não tinha mais vontade de fazer nada, simplesmente nada. As ligações também, sempre no mesmo horário, sempre a mesma música. Estava quase pedindo ajuda a algum psicólogo, quando exatamente uma semana depois, às 22h15min, o celular tocou, meu coração parou, fiquei trêmula, suando frio, o número como sempre, era desconhecido. Atendi. No primeiro momento, silêncio, até que disse “Alô”, algo inesperado aconteceu, do telefone estava vindo uma voz robótica “Cliente vivo, faça agora a sua recarga pelo número *2210#, obrigada pela atenção”

Dei um suspiro, consegui me acalmar, não era nada, tudo voltava ao normal, consegui me deitar e dormir.

Ostara

Mariana Scolaro

Laura era uma mulher muito séria e conservadora, adorava ficar em casa sem fazer nada e sem se relacionar com as pessoas. A vizinhança sempre falava que ela era antissocial ou até mesmo uma espécie diferente de santa, pois como ela não saía não teria como fazer pecados ou guardar segredos, mas isso não definia nem um pouquinho a verdadeira Laura. Ela guardava muitos segredos sim, segredos antigos, de séculos e não, eu não estou exagerando, apesar de aparentar ter uns sessenta anos, dona Laura já tinha alguns séculos vividos. Ela estava em constante renascimento, toda vez em um lugar diferente, com um nome diferente, mas ela sempre lembrava quem era e qual sua missão. Na penúltima vez que viera ao mundo, a velha mulher perdeu sua aprendiz na fogueira e, por conta disso, sabia que quando sua vida reiniciasse ela teria que ser muito atenciosa com as pessoas a sua volta, pois a menina que ela ensinara com tanto carinho agora não lembraria mais de nada, nem mesmo de seus dons de bruxa. O retorno de Laura ao mundo não foi fácil, ela nasceu na cidade errada e numa família muito perturbada, tão perturbada que todos acabaram rapidinho no hospício, restando apenas Laura e uma linda sobrinha chamada Samantha.

Enquanto a estrutura familiar de Laura estava um caos, ela aproveitou para viajar um pouco, pegou sua sobrinha e começou uma grande jornada sem destino específico, elas visitaram muitas cidades e vilas e entre essas teve uma de que gostou muito, enfim encontrou uma vila que atendia a todos os seus gostos de bruxa. Não demorou muito tempo para Laura e a sobrinha mudarem para a pequena Paranapiacaba.

A vila de Paranapiacaba era um lugar tranquilo e monótono ou como diria um bom aventureiro “uma bela vila chata”, por essas características a tia de Sam, Laura, decidiu mudar-se para lá, mas mal sabia ela que essa se tornaria uma escolha errada em um futuro próximo. A sobrinha era uma menina aventureira e observadora, de pele escura como a noite, dentes brancos como a neve e olhos violeta como as ametistas que havia em uma pequena gruta perto de sua casa nova. No final de uma via, cujo chão era pedregoso e a

movimentação de pessoas e carros era quase nula, ficava a casa de Laura, uma construção pequena e antiga, perfeita para uma menina, sua velha tia e um gato que quase nunca estava em casa.

A mudança para nova vila foi por volta de setembro, início de primavera, época em que as flores desabrocham, os pássaros cantam com mais alegria, o mundo cinza ganha cor e junto com uma brisa fresca o sentimento de liberdade invade o quarto e logo o coração de Sam, pois toda primavera a velha tia Laura visita os parentes e a menina tem permissão para ficar em casa com as condições de não fazer coisas contra lei “mas o que eu faria contra lei? Sou uma santa aventureira”.

A recepção de Paranapiacaba não foi agradável, todos tinham medo de sair e perguntar os nomes das novas vizinhas ou pelo menos desejar boas-vindas. Logo Laura entendeu o porquê daquela enorme angústia nos olhares dos moradores da vila monótona. Na primavera, muitas bruxas vinham para aquela vila renovar seus poderes, pois lá ocorria um ritual para deusa Ostara, o maior da região, e os habitantes de lá que não tinham muito conhecimento sobre bruxas, achavam que elas praticavam o mal e jogavam feitiços nas pessoas. Os cidadãos da vila decidiram que dessa vez não deixariam as bruxas em paz, não se esconderiam nas casas enquanto os rituais estivessem acontecendo, e sim sairiam às ruas para um caça às bruxas à moda antiga, até com a famosa fogueira.

Indignada e assustada Laura decidiu que precisaria viajar o mais rápido possível e que, por mais que a sobrinha não gostasse, teria que ir junto. A tia sempre disse que naquela época do ano ela visitava alguns parentes, mas na verdade ela ia em busca de cidades para sua renovação de energias, só que, naquele ano, ela não poderia fazer aquilo, pois por mais que desconfiasse de algumas atitudes de Sam não conseguia definir se a menina era mesmo ou não sua querida aprendiz.

– Samantha você não pode ficar em casa nessa primavera!

– Tia, por favor, nem brinque com essas coisas, sabe que a primavera é a melhor época para nós duas então me deixe aproveitar.

– Mas querida, é para sua proteção!

- Tia Laura, minha linda e querida tia que eu amo muito, eu não participo daquilo que a igreja ou estado está à procura.
- Menina, eu sei que você não é bruxa ou qualquer coisa do tipo.
- Então não tem porque temer em me deixar sozinha em casa.

Depois de longas horas de conversas Laura mesmo com muito medo e receio decidiu que a menina poderia ficar em casa, pois já era madura o suficiente para isso, a velha pegou suas malas, deu um beijo na testa de Sam e embarcou no ônibus que já a esperava. O ônibus mal virou a esquina e a Samantha já começou com as mudanças no visual da casa, abriu todas as cortinas, saiu colher flores para pôr em um lindo vaso que não era usado há anos, era tempo de comemorar, a liberdade tão esperada acabava de chegar.

Os dias tornavam-se noites, havia passado dois dias que a menina estava sozinha e como ela supôs nada interessante acontecia. Já eram umas 23 horas, Sam estava pronta para se deitar, quando sentiu um cheiro forte de alecrim e talvez lavanda, não dava de identificar direito, junto com esse cheiro barulhos incomuns vinham lá de fora, não eram muito alto, mas já faziam a moça ficar curiosa e se perguntar algumas coisas como “o que, um barulho estranho no meio da noite, nessa cidade? Preciso ver o que está acontecendo”. Sam foi até a janela e ficou espiando pela cortina que estava entreaberta, não enxergava muita coisa, o barulho não aumentava nem diminuía, o sono crescia gradativamente e Sam estava quase desistindo até que alguns resmungos começaram a surgir e se aproximavam da janela da menina. Era um grupo de mulheres, elas pareciam amedrontadas e fugitivas, usavam vestidos longos e carregavam algumas ervas e flores em uma grande cesta. A menina não poderia perder a oportunidade de seguir aquelas mulheres, enfim algo diferente estava ocorrendo naquela cidade.

Depois de muito tempo enfim, Samantha teria uma aventura, se vestiu e rapidamente correu para fora, mas as mulheres, o cheiro das ervas e os barulhos já haviam sumido. Apesar de sua grande frustração, Sam não conseguia parar de pensar para onde aquelas mulheres estavam indo e porque estavam com tanto medo. No outro dia, Sam acordou cedo e saiu procurar qualquer resquício que aquelas estranhas moças poderiam ter deixado, mas

nada encontrou. Passaram-se horas e horas até que o sol deu lugar para uma linda lua, na mesma hora do dia anterior Samantha estava preparada para quando as mulheres aparecessem, era meia noite e elas se aproximaram e, então, a aventura da menina começou.

As moças chegaram em seu destino e Samantha silenciosamente se escondeu atrás de um tronco de árvore, ali ela poderia observar e escutar tudo. O lugar era no meio de um bosque com árvores altas que se localizava próximo à vila. Nesse local, também havia uma nascente com a água mais cristalina que Sam já tinha visto. As mulheres pegaram aquelas flores e ervas arrumaram de uma forma que ficasse parecido com um buquê e colocaram-nas em cima de uma espécie de altar perto da nascente, logo depois as mulheres usaram um caldeirão que estava escondido embaixo de algumas folhas, encheram-no de água e começaram uma oração ou talvez um ritual. Samantha não sabia ao certo identificar o que aquelas palavras eram, assim mesmo jeito ficou maravilhada com aquilo, não conseguindo se conter saiu de trás do tronco e se aproximou das moças.

– Ei, quem são vocês?

As velas se apagaram, o ritual foi silenciado, o caldeirão rapidamente escondido e as mulheres que pareciam tão alegres não tinham mais aquele sorriso no rosto. Samantha não teve resposta, mas foi levada para um pequeno chalé próximo dali e, então, o cheiro de alecrim aumentou de novo e a menina percebeu que estava na casa de uma daquelas mulheres.

– Sequestro é crime sabia?

– Isso não é um sequestro!

– Estamos apenas nos protegendo!

– Como vocês estão se protegendo, me trouxeram para seu chalé, agora eu posso descobrir tudo sobre aquilo que vi no bosque.

– Bem, nós vamos fazer uma entrevista com você e se caso não for de confiança fazemos uma sopa de Samantha.

– Oi? Como sabem meu nome? Que bruxaria é essa?

Todas riram do comentário de Sam, mas logo explicaram que apesar de serem bruxas não utilizaram disso para descobrirem o nome dela, simplesmente sabiam o nome da pessoa quando ela era uma bruxa.

– Mas eu não sou bruxa.

– Não que você saiba.

– Na verdade, a gente não poderia contar para ela, porque isso está na essência dela e por mais que demorasse, um dia ela teria um sinal e a professora dela perceberia isso.

“Que história é essa de professora” perguntou Sam, mas, assim como fizeram no bosque, deixaram-na sem respostas. Sam estava cansada e confusa, já estava quase amanhecendo e aquelas mulheres não paravam de conversar sobre Samantha. Por volta das dez horas da manhã, a menina voltou para casa, quando chegou, ligou para Laura. Depois que contou a história para tia, ela voltou em menos de dois dias para casa, aquilo que ela desconfiava tornava-se verdade, a sua sobrinha realmente era sua habilidosa aprendiz.

Fazia três noites que a vila estava monótona novamente, nada de bruxas, cidadãos desconfiados ou Sam em busca de aventuras. Laura preparava minuciosamente um jeito de abordar o assunto e começar a preparar sua herdeira, algumas moças visitaram Laura para ajudar nos planos de aula, mas todas sentiam um diferencial na menina desde o começo e achavam que não seria necessário tanto material e empenho para um bom preparo da nova bruxinha.

Se passaram muitos dias e nenhum dom se manifestava na menina, todo o conselho de bruxas de Paranapiacaba estava achando que Samantha não era a aprendiz que Laura tanto procurara, mas a tia da menina não perdeu totalmente as esperanças.

Um dos últimos e mais bonitos rituais estava acontecendo sorrateiramente no bosque, era dia de renovação de energias e todas as bruxinhas da cidade estavam reunidas, não viram uma forte luz se aproximando, junto com aquele clarão, uma multidão de cidadãos sedentos por matar bruxas também chegou. Dessa vez as moças não silenciaram sozinhas, elas foram silenciadas, todas amarradas em troncos para delas retirarem

alguma confissão. Elas sabiam que aquele seria o fim delas pois a única coisa que faziam eram rituais para louvar deuses como Ostara, deusa da primavera, mas para explicar isso para pessoas ignorantes seria complicado demais.

Estavam todas sem nenhuma esperança até que olhos de ametista brilharam ao longe e uma voz doce e encantadora orava um lindo poema em homenagem a Ostara, a vibração de sua oração foi tão forte que as outras bruxas se uniram a ela com alegria e assustaram os moradores ignorantes daquela vila. Samantha soltou todas aquelas mulheres e logo os cidadãos gritaram “A verdadeira bruxa é ela, joga na fogueira”, Sam não deixou que isso a abalasse e disse em alto e bom som.

– Por que quando uma mulher tem voz na sociedade a ponto de salvar pessoas inocentes ela é chamada de bruxa? Não estamos mais nas épocas de inquisição, em que mulheres inocentes que medicavam e salvavam vidas eram acusadas de feitiçaria sem nem poder se manifestar, essa é nossa religião e vamos defender até a morte o nosso direito de praticar o que gostamos e homenagear nossos protetores.

Foi então que Sam descobriu que seus dons de bruxa não estavam nas mãos, e sim na voz, na sua voz da alma. Pela primeira vez naquela vila um grupo de mulheres ganhou direito e espaço e, depois disso, muitas coisas relacionadas a igualdade de gêneros, foram conquistadas na pequena Paranapiacaba, pois as mulheres são poderosas e corajosas e por meio da sororidade, união entre mulheres, elas conseguem e conseguirão muitas coisas.

A alma condenada

Emanuelle Ferreira

O tempo para e o silêncio toma conta do espaço, fecho os olhos, mas quando os abro, a visão não mudou, eu realmente estou vendo um homem cintilando com um lobo ao seu redor. Alto, olhos azuis cor do céu, cabelos até os ombros, pele luminosa e algo me prende a ele, não sei explicar. Tudo some quando a voz da minha avó, Amália, me chama.

Faz anos que moro em Nova Iorque, mas pelo jeito meu destino não é acompanhar minha mãe no seu trabalho, ajudando-a na produção de coleções de moda e vivendo em viagens. Minha cidade natal me chama e está na hora de eu partir e descobrir o que está acontecendo comigo.

A viagem foi longa, mas as paisagens que fui vendo ao longo do caminho me distraíram. Sair de um mundo rodeado por edifícios e entrar em contato com a natureza e simplicidade trouxe um ar de renovação e calma inexplicável. A casa de Amália, minha avó, era reservada do centro da cidade, pequena, rústica e muito aconchegante.

Chegar em um lugar novo, começar em uma nova escola, entender o que tinha de especial nesse lugar, o que eu estava fazendo ali de verdade, são muitas coisas para processar, mas Amália prometeu me ajudar, não sei de que forma, mas pelo que ela deixou escapar, eu ainda não sei quem sou e é aqui que encontrarei a resposta.

Primeiro dia de aula sem conhecer ninguém, estava conformada que seria um desastre, mas Julia mudou isso. “Prazer, sou Julia. É nova aqui, não é?”, olho para trás e ali está uma menina com os olhos fixos em mim, cuja aparência e sorriso me cativam, “Sim, prazer em conhecê-la, me chamo Luna”.

Passei o dia com a Julia e seu namorado Erik, saímos da escola e os dois me mostraram toda a cidade e no fim do dia me levaram até o local de encontro de todos na cidade, a lanchonete do centro, cuja aparência me causava arrepios. Uma sensação horrível se instalou em mim.

Saindo da lanchonete, olho para o lado onde ficava a porta lateral e ele está ali, consigo sentir, o menino que havia aparecido para mim em Nova

lorque estava na minha frente. Por uma porção de segundos paralisei e fui tomada por um sentimento que desconheço. Como aquele menino realmente existia? Por que tive visões com ele? Agora, só Amália conseguiria me responder.

Chego em casa e noto que estou sozinha, já que terei que esperar vou tomar banho, jantar e ler um livro até minha avó voltar para casa. Quando estou quase dormindo ela abre a porta e entra com um olhar de cansaço, eu sei que devia deixá-la ir dormir, mas sem as respostas sou eu que não vou conseguir descansar.

Amália escuta minha aflição com atenção, reluta em começar a responder, minha expressão facial entrega meu medo, minha confusão, ela não tem como escapar disso, precisa me ajudar, e sabe disso. No primeiro momento, ela fica pensativa, hesita em explicar do início e a saída que encontra é falar do meu pai.

Herança de família nem sempre é algo bom, um destino como o meu parece um castigo. Meu pai tinha um dom, ser um caçador de almas era sua herança. Amália me conta como tudo começou a se manifestar nele, como eram suas visões, quais sentimentos ele tinha e muitas vezes fugia. Ela conta como ele conseguiu superar e descobrir seu destino. Um caçador de almas tem o poder de viajar entre os mundos superior, mediano e inferior e sua missão é derrotar aquele que representa o mal nesses mundos, o que eu não sabia é que esse mal poderia destruir meu coração para sempre.

Sabendo que teria que descobrir por conta o que significava tudo que Amália disse, minha vontade era correr para a lanchonete e encontrar aquele menino novamente. Isso foi mais fácil do que imaginei, ele estudava na minha escola, estava caminhando na minha direção e minhas pernas pareciam mais nervosas do que eu, minha respiração quase parou, sentia meu coração pulsando mais forte, parecia que esperava ansiosamente por esse encontro.

“Você deve ser Luna, ouvi falar sobre você, me chamo Liam”. Fiquei estática por alguns segundos tentando entender como ele soube sobre mim, “Muito prazer Liam, estou na cidade faz alguns dias, me adaptando, lembro de ter visto você na lanchonete, trabalha lá?”, senti a hesitação dele em me responder, algo o incomodou, mas me respondeu dizendo um simples “sim” e nos dirigimos para a cafeteria da escola.

Fiquei pensando sobre aquele encontro o dia todo, ele tinha alguma coisa para falar para mim, mas não conseguiu. No dia seguinte, perguntei para Julia se ela sabia algo sobre ele. Ela me contou que ele tem conflitos com seu pai, a mãe dele morreu quando era mais novo e seu pai não parece se importar com o filho, Liam ajuda nos assuntos da lanchonete e serve quase como empregado e o motivo desse ódio entre os dois, ninguém sabe.

Amália sempre está ocupada durante o dia, cuida da casa como se fosse parte dela, por isso procuro não atrapalhar. O que me resta é explorar essa cidade que até então não me revelou o que tem de tão especial. Alguns metros para trás da casa de Amália existe um bosque lindo, com árvores grandes e cheias de vida, aquele lugar me atraiu de uma forma inexplicável, entrei sem ter a mínima ideia do que ainda aconteceria lá.

Uma caverna rochosa estava escondida por entre as árvores, ainda era dia, nada me impedia de dar uma olhada. As paredes eram ásperas, o ar era frio e algo chamava minha atenção, só não conseguia ver o que era. Sentia como se estivesse sendo observada, mas a curiosidade teria que esperar, estava atrasada.

Na mesma noite convidei Julia para ir comigo até a lanchonete, ela topou na hora e combinamos de nos encontrar lá dentro, mas minhas intenções para aquela noite não eram exatamente beber e conversar com ela, e sim arrumar uma desculpa para encontrar Liam, buscar uma resposta.

Cheguei mais cedo do que o combinado, me sentei em uma das mesas e pedi uma bebida. Lancei meus olhos para todos os cantos e notei uma porta ao lado do balcão, provavelmente ali dentro ficava o escritório e por sorte o banheiro também era naquela direção.

Esperei Julia, quando ela chegou foi direto para nossa mesa, conversamos um pouco e pedi licença para ir ao banheiro. Aquele corredor me deu arrepios, os banheiros ficavam no fundo, a iluminação era fraca, apenas uma sala estava acesa. Olhei pela fresta que tinha na porta semiaberta e consegui ver o pai de Liam e ele conversando, parecia mais uma briga na verdade.

Voltei para a mesa onde Julia estava e esperei Liam sair daquele corredor, o que demorou apenas alguns instantes, ele saiu com o olhar nervoso e inquieto, antes de conseguir chegar até a porta de saída eu chamei-o para

sentar-se conosco. Liam contou que seu pai planejava deixá-lo de fora dos negócios, acreditava que ele estava mais atrapalhando do que ajudando, mas Liam gostava de trabalhar ali, mesmo que nem sempre fosse remunerado e valorizado como deveria.

Já estava quase virando o dia, pedi para Liam me levar até em casa, não queria andar sozinha tão tarde naquela cidade praticamente deserta. Ele aceitou na hora e foi conversando comigo todo o caminho me explicando sobre a morte de sua mãe quando ele tinha apenas dois anos de idade e a forma como o pai nunca havia se recuperado. Eu senti a confusão que estava dentro dele, fiquei encantada com a sua calma e esperança de tudo ainda ter um jeito de melhorar, ele me atraiu. Não pude me controlar, confesso que não sei como tive tanta coragem, eu o beijei.

Durante toda a semana Liam não apareceu na escola, nem mandou uma mensagem para dizer que estava bem, fiquei preocupada e fui até a lanchonete antes mesmo de abrir. Seu pai estava no balcão, parecia que me aguardava, não falei nada e ele já me encaminhou para sua sala, onde Liam dormia um sono profundo no sofá.

Que imagem linda, um rosto tão perfeito com um leve sorriso, o sonho parecia ser bom, mas infelizmente tive que acordá-lo. Liam ficou nervoso no momento que abriu seus olhos e viu que era eu quem estava ali o acordando, me puxou rápido para fora da lanchonete e pediu para conversarmos em outro lugar, de preferência longe dali. O bosque pareceu o lugar perfeito, pelo menos foi o que pensei no momento. Sentamos embaixo de duas árvores enormes, a sombra estava ideal, Liam me explicou que o que falaria naquele momento não era para me afastar, era apenas para aliviá-lo de sua angústia, mas o final da conversa era eu quem definiria.

Fiquei estática desde o instante que ele começou a falar, como meu destino havia se tornado uma maldição em questão de segundos? Liam não era apenas o menino por quem eu estava apaixonada, ele era quem estava destinado a me enfrentar, era o mal no mundo mediano, o mal que eu precisava deter, o mal que havia roubado meu coração, mas como eu enfrentaria isso agora?

Não suportei tamanha revelação, corri para casa e passei dias sem pisar naquela lanchonete, ele me procurou na escola e consegui evitá-lo, mas não

sabia até quando isso seria possível. Conversei com Amália que era minha solução para o momento. Chegando em casa, minha expressão revelava que algo estava errado, minha avó sentou-se comigo no sofá, me serviu um chocolate quente e contei tudo que havia acontecido.

Amália me explicou tudo que sabia sobre a família de Liam, realmente nossos pais não eram amigos, viviam discutindo, mas ele nunca contou para Amália o verdadeiro motivo das brigas. Para combater o mal que viaja através dos mundos era preciso matá-lo no lugar que servia de portal para as viagens, um lugar reservado, um lugar que nenhum caçador de almas encontrara até hoje.

Eu queria acabar com isso logo, mas não conseguiria matar aquele que eu amava. Ele podia ser o mal, podia estar destinado a dominar os mundos e espalhar o caos, mas eu iria achar um jeito, eu sentia, era esse o motivo pelo qual eu fui escolhida para acabar com essa missão de uma vez por todas.

Passaram-se semanas, voltei a me relacionar com Liam, conversamos sobre tudo que ele havia me dito e eu o confortei com as minhas palavras de esperança, mostrei o quanto gostava dele e não ia deixar nosso destino acabar com isso. Busquei livros por toda cidade, olhei o arsenal de Amália várias vezes, nenhum livro falava sobre os caçadores. Na casa de Julia encontrei algo interessante, não era exatamente o que buscava, mas era um livro intrigante, falava sobre os animais que representam nossas almas, e entre eles estava o lobo, o mesmo que eu vi ao lado de Liam em minhas visões.

O livro comprovou o que eu sabia, o lobo acompanhava os espíritos condenados ao caos, mas também simbolizava um espírito que ainda não foi corrompido em todos os mundos, apenas no mundo em que nasceu, no caso, o nosso mundo mediano. Se eu encontrasse o portal poderia viajar para outro mundo e purificar o espírito de Liam.

Era quase madrugada, eu e Liam não notamos o tempo passar durante nosso jantar na lanchonete, ele era incrível, nossas conversas faziam com que eu esquecesse todo o resto que estava ao meu redor. Perto da minha casa, olhei para o céu e vi como estava iluminado naquela noite, não era hora de descansar ainda, devia aproveitar uma noite daquela, era raro tantas estrelas aparecerem por ali.

O bosque virou nosso ponto de encontro, nosso refúgio, e seria ali que concluiríamos nossos destinos. Liam viu a mesma caverna que eu havia visto na outra noite, me convidou a entrar, com ele eu podia me aventurar e foi o que fiz. A luz do celular de Liam iluminou o interior da caverna, era fria, mas não parecia sombria como da outra vez. Aquele frio motivou meus braços a envolver Liam, nos abraçamos com toda nossa força e ele me beijou, nosso beijo começou a se tornar mais intenso e quando sentia que nossas almas haviam se fundido, uma porta se abriu no fundo da caverna, nós encontramos o portal.

Agora ficaria fácil viajar, mas o difícil era saber como fazer apenas o espírito de Liam ir para o mundo superior ou até mesmo seu corpo junto, como eu poderia ir junto, não queria me separar dele, mesmo sabendo que ele estaria bem do outro lado daquela porta, eu tive a sorte de encontrá-lo a tempo, ele não havia sido corrompido ainda, eu poderia salvá-lo.

Passei praticamente toda a semana seguinte pesquisando, algum livro, algum site, algo precisava me dizer como transportar alguém para o outro lado, mas eu ainda precisava matar sua parte que se preparava para aceitar o mal. Estava cansada de tanto procurar quando Julia me ligou pedindo para me encontrar, mas não podia ser na lanchonete, suspeitei sobre o que era.

Julia me encontrou com uma aparência nervosa, quase não conseguia falar, estava ofegante e ansiava por me contar algo muito importante. Quando começou a falar, parte me deixou aliviada, mas parte me deixou mais agoniada, eu estava ouvindo, porém minha cabeça estava longe pensando em Liam, no seu beijo e como eu precisava salvá-lo, mesmo com esses desafios que Julia estava colocando em meu caminho.

Liam me encontrou assim que deixei a lanchonete, seu rosto exalando alegria me cortou o coração, ele queria apenas boas notícias, mas não era exatamente isso que eu tinha para lhe oferecer. Julia contou para mim o que havia encontrado em um dos livros do seu pai, realmente existia uma forma de Liam se separar de sua parte condenada e me dar tempo para matá-la neste mundo, mas esse tempo era longo até demais, uma vez que ele passasse para outro mundo não poderia retornar, apenas caçadores como eu poderiam e ele precisava passar, pois sem sua alma completa não conseguiria sobreviver neste mundo e provavelmente a parte que se recuperasse voltaria a ser

condenada, no mundo superior ele teria a chance de conseguir sua metade totalmente curada.

Liam ficou quieto, deixou claro para mim, desde o começo, que ele não aceitaria ficar longe de mim, mas essa era a única saída, ou não. Expliquei como funcionaria o processo da separação da parte do espírito condenada e a saudável, eu precisaria ir com ele até o portal, recitar alguns versos do livro que Julia encontrou e depois tinha poucos segundos para passarmos para o outro lado do portal juntos. Eu não sabia ainda o que restaria neste mundo para eu matar, não sabia a aparência de um espírito, mas na hora eu saberia o que fazer, era meu destino.

Já em casa, fiquei conversando com Liam pelo celular, ele estava nervoso, não sabia o que decidir, o que era totalmente compreensível, ele estaria preso em outro mundo. Estava quase amanhecendo quando meu telefone tocou, Liam pediu para eu abrir a porta, levar o livro comigo, estava frio e ele estava no portão me esperando. Entramos no bosque e meu coração começou a acelerar, eu sabia para onde estávamos indo.

A caverna hoje parecia mais fria ainda, voltou a ser sombria, Liam me abraçou e o que ele falou me tranquilizou, tudo que nós precisávamos estava ali, um precisava apenas do outro, isso bastava. Ele pediu para que me despedisse de Amália, Julia e quem mais eu quisesse, mas me prometeu que assim que estivéssemos no outro mundo, dedicaríamos nosso tempo exclusivamente para achar um meio de retornar, já que a parte condenada dele haveria sumido.

Eu concordei sem pensar demais, fui para casa buscar algumas roupas e coisas que talvez precisasse, coloquei tudo em uma mochila e me despedi de Amália. Ela fixou os olhos em mim e senti a tristeza que tomou conta dela, mas ao mesmo tempo ela ficou feliz que eu havia encontrado uma maneira de mudar meu destino, ela sorriu e me abraçou, corri me despedir de Julia, sempre radiante conseguiu me deixar animada até mesmo dando adeus. Agora eu estava pronta.

Liam me esperava na caverna, eu não sabia exatamente o que iria acontecer agora, sabia apenas como abrir o portal e o que falar para realizar a separação, mas o que fazer depois era um mistério. Nossas bocas se uniram,

aquela sensação de ter a alma se fundindo com a dele se repetiu e a porta se abriu, Liam parecia muito calmo para o que estava prestes a acontecer.

Cada palavra que eu falava dos versos me deixava mais aflita, quando falei a última uma luz intensa se instaurou dentro da caverna impedindo que nós enxergássemos qualquer coisa. E, quando eu consegui ver novamente, não havia mais meu amor na minha frente, e sim duas versões dele, exatamente iguais, como eu saberia qual deveria matar?

Ambos começaram a falar, pedindo para que eu fizesse logo o que devia, tentavam me confundir, eu não conseguia me concentrar em nenhum detalhe que os diferenciasse. Não sabia o que fazer para provocar apenas a parte boa ou a condenada. Liam me amava, eu não tinha mais dúvidas disso, mas uma alma condenada não sabe o que significa o amor, era isso que eu deveria usar para solucionar meu problema.

Perder quem você ama é como perder uma parte de você, o verdadeiro Liam que me amava não iria aguentar essa dor, e a sua outra parte não saberia como agir verdadeiramente em um momento desses. Peguei a faca que havia colocado em minha mochila para matar a parte condenada e ameacei fincá-la em meu coração, meu plano deu certo. O Liam que realmente me amava ficou paralisado com apenas um olhar vazio, de terror e sem forças para se mover, eu sabia que era ele, não uma cena forçada como a que sua outra metade fez, chorando e gritando desesperado esperando que eu acreditasse, mas quando tirei a faca a cena parou no mesmo instante, já o meu Liam continuou paralisado.

Recuperar-se de uma cena de gritos e lágrimas forçadas deixa qualquer um distraído, ainda mais se a pessoa que você tenta enganar acredita em você, ou pelo menos aparenta que acredita. Eu sabia quem era a metade condenada, e fui em sua direção, mas com um olhar caloroso, como se estivesse feliz em vê-la. Perto o suficiente, fingindo estar me preparando para um beijo, eu peguei a faca que ainda estava na minha mão e finquei bem no meio do peito da parte condenada de Liam.

Eu nunca havia pensado sobre como era o outro lado daquele portal e Liam, agora recuperado do que acabara de presenciar, pegou minha mão e me conduziu até o outro lado. Ele estava fraco, faltava metade de sua alma, mas sua aparência ficou mais alegre no momento que pisou na grama verde do

bosque que se encontrava na nossa frente. Que lugar lindo, o calor me abraçou no mesmo instante, o canto dos pássaros me acalmou e eu estava feliz. Liam e eu poderíamos concluir nossa missão juntos, descobrir esse novo mundo e sentir nosso amor aumentando cada dia mais.

Indefinidamente aleatório

Lucas José Rodermel Neves

Se ainda hoje me fosse perguntado se a sorte ou o azar existem, minha resposta seria simples e clara: sim. Obrigatoriamente todas as porcentagens que se passam na vida de alguém são estruturadas por chances. Obviamente, há seres humanos com grandes capacidades de abraçar estas chances, e outros com um mínimo desse talento, ou tendo-o simplesmente zerado. Como é o caso do nosso enfadonho protagonista.

Iago acordava às 8 horas da manhã, em plena segunda-feira, no que parecia ser o dia mais frio do ano todo. Iago era um jovem relativamente alto, com seus 1,78 de altura... não era um dos mais bonitos, podia-se dizer que estava na média. Seus cabelos eram escuros e sua pele era bem pálida, características de quem não sai ao sol. O rapaz já estava 30 minutos atrasado para a aula, mas isso não era nada mais do que uma sequência padrão em sua vida, e ele já sabia como lidar com essa situação. Logo pegava seu moletom preto e vermelho, com alguns detalhes bordados e a calça azul mais genérica que tinha.

- Provavelmente é nessa parte da história que o narrador me coloca como o sinônimo de azar. - Dizia, enquanto colocava a mochila nas costas, e se preparava para mais uma corrida para a escola.

De fato, Iago estava certo. Ele é o sinônimo de azar, não possuindo talento nenhum. Todas as atividades que fazia exigiam esforço máximo de sua parte.

No outro lado da mesma cidade, Paula olhava seu relógio de pulso calmamente. Eram exatas 8 horas da manhã, em plena segunda-feira no que parecia ser o dia com a brisa mais gostosa do ano todo. Paula era definitivamente a garota mais bonita do colégio, principalmente por ela conseguir manter um físico incrível por natureza, sem necessidade de esforço. Seu cabelo era castanho e seus olhos eram verdes. Não era muito alta, estando na média das meninas de sua idade com cerca de 1,65 metros de altura. A garota havia aproveitado demais o sono da noite passada, assim se atrasando em 30 minutos para a aula.

- Se houvesse um narrador para a minha vida, ele provavelmente me colocaria como alguém perfeitamente normal... Ou será que ele me chamaria de irresponsável? Se bem que hoje eu não tenho nada de muito importante na aula hoje, então não tem tanto problema. - Dizia, enquanto colocava um casaco por cima do moletom e a mochila nas costas, se preparando para mais uma corrida para a escola.

Mal sabia a garota que não é tão fácil prever como um narrador irá colocar a sua classificação. Paula é o exato oposto de Iago, possuindo o máximo de talento que alguém poderia desejar. Praticamente nenhuma atividade exige esforço de sua parte, pois ela aparenta ter nascido para conseguir fazer tudo mesmo sem se dedicar.

Eventualmente, tanto Iago quanto Paula se aprontavam e se despediam de seus respectivos parentes. Após isso, apostavam indiretamente uma corrida até o colégio, por mais que o único apressado seja Iago.

Chegando à escola com a recepção com que estava acostumada, Paula era cumprimentada pelos amigos e se desculpava com o professor, que realmente pouco se importava, apenas chamando a atenção de Paula, já que a garota ainda conseguia manter-se no segundo lugar nos simulados de vestibular do colégio mesmo sem se dedicar tanto às aulas. O professor sabia da vida pessoal extremamente agitada de Paula e como deve ser difícil conciliar tantas atividades com sua vida acadêmica... Seu atraso era compreensível.

Em uma outra sala de aula da mesma escola, Iago chegava totalmente cansado, só era cumprimentado por dois personagens coadjuvantes que não são nem um pouco importantes para a história, e recebe uma bronca da professora, que não admitia essa postura irresponsável do aluno que ficou em primeiro lugar nos simulados de vestibular do colégio.

- Que beleza, senhor Iago... Semana passada você já se atrasou os 5 dias. Como você consegue tirar notas tão boas nas provas? As únicas semanas que você não chega atrasado são especificamente as que o simulado ocorre... Estudar em casa não é o suficiente, sabe?! Vir para a escola é uma questão de responsabilidade!

- Bom dia pra senhora também, professora. Mas querendo ou não, eu acabei vindo, né? E eu nem me atrasei tanto assim... Foi só uma meia horinha.

- Sente-se logo, antes que eu te mande para a diretoria mais uma vez por me retrucar. – A professora parecia se irritar cada vez mais com Iago.

- Mas é claro, vossa majestade. - Iago se curvava para a professora, como se estivesse fazendo uma reverência a uma rainha.

A professora avermelhava de raiva, mas relevaria... O rapaz ia reprovar por faltas mesmo, então não era dever dela tentar ensinar alguém que não quer aprender... Seu salário nem era pago nos dias corretos, e ela tinha que aguentar esse tipo de coisa todo santo dia... Realmente, a vida daquela mulher era bem difícil.

Assim que o recreio começava, Iago acordava e limpava um pouco a baba em sua carteira... Já que ele havia aproveitado a aula para tirar o atraso do sono que perdeu na noite passada.

Um de seus amigos figurantes nem um pouco importantes para a história lhe dava um tapa na nuca e oferecia um pedaço de pão de queijo.

- Você realmente precisa parar de se atrasar. Mesmo conseguindo o primeiro lugar nos simulados, ainda pode reprovar por faltas, sabe?

- Sim, sim, eu tô ligado. Só que não é culpa minha os meus pais não terem carro e minha casa ser extremamente longe do colégio.

- Tu moras a duas quadras daqui, seu animal. Você se atrasa por ficar a madrugada inteira fazendo algo que só Deus sabe. - O figurante que não importava nem um pouco para a história olhava Iago de cima a baixo, desconfiado.

- Olha... Se eu te falasse que eu estudo de madrugada, você acreditaria?

- Claro que não. Eu acho que você só tem muita sorte na hora de chutar no simulado e nas provas.

- É o perfeito oposto, otário. Eu sou o cara mais azarado desse planeta, e eu posso provar. Sortuda é aquela menina da sala ao lado... Acho que é Paula? Ela conseguiu ficar em segundo lugar e dizem que ela nem estudou.

- A diferença entre você e ela é que ela chega atrasada por fazer coisas realmente úteis durante o dia. Ela faz natação, vôlei, trabalho voluntário... Parece que ela nasceu para fazer tudo.

- Justamente por isso que eu falo, ela tem sorte, eu não. Eu sou esforçado, é diferente. - Iago dizia, em seguida dando uma mordida no pão de queijo.

Assim que o sinal toca, Iago – que já havia guardado absolutamente todo o seu material fazia algum tempo – puxa sua mochila e aguarda seus dois amigos irrelevantes para a história terminarem de guardar seus materiais... finalmente o dia ia ficar um pouco interessante.

Na sala ao lado, ao ouvir que o sinal toca, Paula – que não havia nem mesmo puxado algum caderno o dia todo – aguarda a sua amiga um pouco importante para a história terminar de guardar seus materiais.

Logo, ambos saíam de suas respectivas salas no mesmo instante, e uma troca de olhares ocorre, pausando o corredor inteiro.

- Hm? Ah, a garota que ficou em segundo no simulado... Bom dia. - Iago dizia, num tom irônico, para provocar a sua suposta “rival”.

- Ah! Realmente, você é como todos dizem. Atitude bem babaca, por sinal... Lembrar das pessoas pelos seus resultados nas provas. - Paula dizia, com um sorriso de canto de boca, no mesmo tom irônico da fala de seu adversário.

Iago dava de ombros, seguindo o seu rumo.

- Não sei como alguém como você conseguiu pegar o primeiro lugar no simulado... Um cara completamente preguiçoso que não se dedica um mínimo para seus estudos, e se realmente for de acordo com os boatos, tem coragem de dizer que não possui talento para nada. - A amiga de Paula dizia para Iago, parecendo estar muito mais irritada que o normal, enquanto o rapaz ia para a saída.

Iago imediatamente voltava-se para a amiga talvez um pouco relevante para a história.

- Não quero que alguém que não sabe o que eu passei e ainda passo fale dos meus resultados. - Iago estava visivelmente irritado. Geralmente o garoto devolveria a declaração da amiga de Paula com uma provocação, ou ironizaria

a fala dela. Essa atitude do rapaz surpreendeu até mesmo seus dois amigos, um deles que colocava a mão em seu ombro e apontava para a saída, tentando evitar que uma briga começasse.

Paula suspirava e também segurava o ombro de sua amiga, guiando-a para a diretoria, este sendo o rumo que as garotas estariam seguindo antes desse desafortunado encontro.

Mal sabiam os colegas desses dois que o buraco é bem mais fundo. Iago na noite passada ficou um bom tempo refletindo sobre seu encontro com Paula, aparentemente ela interessou o garoto mais do que deveria. Talvez essa rivalidade devesse tomar um rumo mais denso... Uma inimizade? Não, Iago não era do tipo que gostava de ter inimigos, tê-los é apenas a natureza de ser um “Imã de infortúnio”. Talvez uma rivalidade amistosa? Essa opção era considerada válida para Iago, o problema é: Como diabos ele faria amizade com alguém que já possui uma opinião ruim sobre ele? E como ele faria para convencer que há algum benefício em ser seu amigo? Provavelmente esse foi o assunto que Iago mais desperdiçou tempo pensando e tentando encontrar uma solução.

Paula durante a madrugada tentava pensar um pouco mais sobre o que ocorreu no dia... Como alguém consegue manter uma linha de diálogo com Iago sem se desgastar totalmente? Era assustador e fascinante saber que havia alguém assim na mesma escola. Paula considerava conversar mais uma vez com Iago, principalmente para tentar deixar algumas coisas claras com o rapaz. Paula não tinha interesse em uma rivalidade com Iago, muito menos uma inimizade, porém parecia que era esse o rumo que o relacionamento dos dois estaria tomando.

No dia seguinte, nem Iago e nem Paula se atrasaram para a aula, para a surpresa de todos os alunos das duas classes. Os dois também estavam mais atentos do que o normal, parecia que ambos haviam tomado um “chá de juízo” de um dia para o outro. Os dois estudantes estavam extremamente ativos e motivados para a mesma. O contraste que ocorrera no dia anterior era o que ambos precisavam para resolver seus principais problemas em sala de aula.

Assim que o sinal do recreio batia novamente, Iago recebia um tapa em sua nuca. Era seu amigo nem um pouco relevante para a história, o mesmo que havia lhe oferecido um pão de queijo no dia anterior.

- Beleza, o que você fez com o Iago, e quanto você quer pelo resgate dele, impostor? – O amigo não relevante apontava o dedo para Iago, como se estivesse segurando uma pistola invisível.

- 50 mil reais, um dicionário Aurélio e duas paçocas. – Iago dizia, com um sorriso de canto de boca em seu rosto.

- Ih, então ele vai ficar lá mesmo, só tenho um sanduíche. – Dizia oferecendo um pedaço para o seu amigo.

- Só porque eu não cheguei atrasado hoje não quer dizer que eu seja um clone, ou algo do tipo. – Iago dizia conforme mordida o sanduíche.

Conversa vem e conversa vai, Iago explicava o motivo de seu interesse repentino na escola, algo que não acontecia há alguns anos.

- Tá apaixonado cara? – O amigo dizia, dando uma leve gargalhada depois da frase.

- Não! Nada do tipo. Eu só quero ter uma rivalidade saudável, só isso. – Iago parecia ter ficado levemente irritado com a provocação do amigo, mas como era algo comum, era mais simples de ser relevado.

Então, o sinal tocava e a próxima aula começava, ironicamente sendo Iago o único aluno a estar prestando alguma atenção. No meio da aula, ele era cutucado por um terceiro personagem, ainda mais figurante que seus dois amigos.

- Ei... Você já tem alguém pra estudar pro simulado? É semana que vem e eu vou estudar com algumas pessoas da sala ao lado. Se você quiser perguntar para seu amigo se ele quiser vir junto e tudo mais...

Iago parecia levemente intrigado, normalmente ele nem sequer cogitaria dar uma resposta afirmativa para essa situação... Mas este era um dia diferente. Iago pela primeira vez na vida aceitou fazer parte de um grupo de estudos... O problema é que ele também tomou a decisão pelo seu amigo sem nem mesmo ter percebido.

Então, quatro dias depois, Paula e Iago encontravam-se frente a frente, em uma mesa de cozinha, cadernos e seus colegas de estudo entre ambos... Como diabos foram parar numa situação assim?

“Espero que o narrador tenha uma justificativa muito boa para essa coincidência...” Era isso que Iago pensava... E curiosamente, o narrador tem uma justificativa plausível para isso. O anfitrião havia convidado Paula e sua amiga para estudarem em sua casa e no dia seguinte convidou Iago com a ideia de conseguir pelo menos terceiro no simulado, considerando que ambos eram os dois primeiros lugares nas provas anteriores... Realmente, era uma ideia extremamente inteligente. Iago cogitava que talvez fosse obra de seu interminável azar que o trouxe para essa situação, mas não tinha como isso bater com a sorte absurda de Paula... Ou tinha, considerando que ele era o estudante que tirou em primeiro nos últimos simulados e seria uma chance de superá-lo.

- Muito bem então, vamos começar com as matérias que cada um tem dificuldade. – Dizia o estudante anfitrião mais figurante que todos os outros presentes.

Iago e Paula se entreolhavam e desviavam seus olhares sempre que seus olhos se encontravam, causando um desconforto entre eles e todos os que estavam no local. O anfitrião estava com dúvidas sérias sobre o motivo e uma série de hipóteses enchia sua mente. Bem, sua ideia de reunir as duas potências do colégio deu certo, agora era só deixar o dia rolar.

Horas a fio se passavam, Paula não se concentrava e Iago tentava explicar alguma coisa para os alunos que estavam ali e surpreendentemente o jovem conseguia explicar extremamente bem, sendo Paula a única aluna que estava com dúvida. Por mais que o protagonista tentasse explicar, a jovem parecia compreender menos e menos do assunto, deixando Iago irritado como nunca havia ficado antes, principalmente porque ele sabia que ele só ficaria bem consigo mesmo se ela começasse a entender o assunto.

A maioria dos colegas já havia retornado para casa e apenas restavam Iago, o anfitrião e Paula estudando... O anfitrião já estava cansado, mas seria muito inconveniente simplesmente pedir para os dois irem embora... Ele

precisa manter as impressões para que tivesse seu simulado garantido no ano seguinte. Paula havia finalmente entendido o assunto, e nisso Iago finalmente se sentiu satisfeito, se despedindo do anfitrião, Iago ofereceu para acompanhar Paula até a sua casa. A jovem relutantemente aceitou a oferta de Iago, já que estava ficando tarde e ela não queria ser assaltada.

Durante a caminhada, os dois dialogaram sobre suas características individuais e sobre o azar interminável de Iago. Paula falou sobre como é difícil dela estudar para alguma coisa, pois nunca sentiu ser necessário, considerando que seus resultados eram bons sem dedicação. Iago ficou extremamente frustrado com essa colocação, e isso apenas aumentou sua vontade de tirar em primeiro lugar novamente no simulado. Paula não costumava se importar, mas de fato, era divertido manter essa rivalidade com Iago... Ela decidia que iria dar pela primeira vez na vida o seu melhor.

Após um domingo de descanso, os dois se preparavam e armavam como podiam. Ambos 100% motivados saíram correndo para o colégio na segunda-feira. Sua motivação era tamanha que pareciam estar quase na mesma velocidade que o Opala da professora de português.

Durante as provas, Iago suava frio e Paula tinha suas mãos tremendo... Não era mais uma questão de tirar uma nota boa, era sobre quem ficava em primeiro e quem ficaria em segundo... Ao terminarem, ambos estavam exaustos e retornavam para suas respectivas residências.

No dia seguinte, os dois estavam ansiosos para o resultado da prova... Iago estendia a mão para Paula para cumprimentá-la pela boa disputa, já que eles sabiam muito bem que um dos dois ficaria em primeiro. Ao verem os resultados, Iago ficava extremamente irritado e Paula frustrava-se consigo mesma. O protagonista deveria ter ficado feliz, pois tirou novamente em primeiro lugar, mas Paula ficava em terceiro. Ironicamente, sua sorte não foi o suficiente para cobrir a nota de outra pessoa... O anfitrião da casa em que estudaram no outro dia.

Uma noite no bosque

Pedro Rocha de Camargo

Em uma pequena cidade no interior, daqueles lugarejos típicos de filmes de terror, os protagonistas de nossa história curtiam a noite de sexta-feira em um bosque um tanto misterioso, encontrado no final da única estrada asfaltada daquele lugar.

Esta não era uma cidade tão pacata quanto tantas do interior normalmente são, as autoridades locais encontravam-se em alerta, pois ondas de assassinatos traziam o terror aos poucos habitantes daquela região. Entretanto, ignorando esse perigo, nossos heróis decidiram aventurar-se e acampar no bosque “aparentemente pacato”.

Eram quatro jovens, todos estavam reunidos para comemorar o aniversário do mais novo entre eles, que acabara de completar seus 18 anos. Eram mais de 3 horas da manhã, o aniversariante, Joaquim, havia se afastado um pouco do seu grupo de amigos, Augusto, Antônio e Bernardo que dançavam e cantavam, para relaxar e quem sabe observar o céu estrelado.

Joaquim parou para observar a noite, ali sozinho olhou ao seu redor, as árvores, a grama alta, infelizmente não conseguia enxergar muito mais do que 5 metros a sua frente em virtude da tremenda escuridão que se encontrava naquela noite, porém algo chamou a sua atenção mais à frente. Joaquim andou um pouco mais para ver o que estava se movimentando por entre as folhagens a alguns metros de distância. Era um homem, ligeiramente alto, vestindo uma típica roupa de fazendeiro, também carregava algo consigo, algo que Joaquim não pôde distinguir.

- Ei senhor?!_ gritou Joaquim cambaleando um pouco para trás.

Como em toda história de terror, o homem se virou mostrando seu rosto e expressão típicos de um “serial killer”, correndo em direção a Joaquim brandindo seu machado que já estava ensanguentado. O jovem por sua vez, ficou estático, sem forças para se mexer e muito menos pensar no que fazer. O velho então desferiu apenas um golpe, decepando a cabeça do jovem de seu corpo que cambaleia e cai já sem vida.

Acalme-se leitor, isso não aconteceu, o senhor apenas ignorou o chamado de Joaquim adentrando na escuridão daquela noite e saindo do campo de visão do garoto.

O jovem ficou um tanto inquieto correu de volta para o grupo, que também esperava pela volta de seu outro amigo, Antônio, que havia se distanciado há algum tempo, para contar o ocorrido, deixando-os assustados.

-Eu acho que deveríamos ir pra casa!_ disse Augusto levando a mão às chaves do carro.

Bernardo interrompeu-o

-Vocês acham mesmo que tem algum perigo aqui? Olhem ao seu redor, não tem nada, esse lugar não passa de um bosque vazio, e sobre esse senhor aí, deve ser um velho que trabalha cuidando de uma fazenda aqui perto, ou sei lá!

-Não cara, isso não faria sentido algum, por que o cara que cuida da fazenda estaria andando por aí a essa hora da madrugada? E eu fiquei sabendo que o cara que fazia a limpeza por aqui, morreu faz alguns anos já. _ disse Joaquim com uma expressão séria.

Augusto foi tentar pegar as chaves do carro novamente.

-Parem de ser mariquinhas! Nós combinamos que iríamos curtir a noite do seu aniversário aqui, além do mais se há algo que tenta nos incomodar nessa noite, eu trouxe isso – disse Bernardo mostrando a pistola emprestada de seu pai- então, parem de besteira e vamos esperar Antônio voltar e curtir essa noite!

Ambos sorriram e concordaram com a ideia.

Antônio estava tentando encontrar o grupo, a verdade é que tinha se perdido, mas seu ego era muito grande para que pudesse admitir, gritava e chamava seus amigos, porém não obtinha respostas. O que Antônio não sabia é que estava andando e adentrando cada vez mais do bosque se distanciando de seus amigos. De repente, uma voz vindo de trás fez seu corpo estremecer por inteiro.

Quando virou, deparou-se com um homem alto vestindo uma roupa de fazendeiro, sua cara, braços, na verdade, todas as partes de seu corpo que estavam a mostra, eram marcadas por cicatrizes, e havia algo em suas costas, porém Antônio não tinha uma visão muito clara.

- O senhor poderia me ajudar? Eu estou perd... hã, quero dizer, meus amigos devem ter ido para outro lugar, só sei que aqui não estão._ disse Antônio com uma voz trêmula

Ele não obteve resposta, o que deixou Antônio muito assustado e continuou andando para longe do homem que o fitava de cima a baixo. O homem então começou a rir, praticamente gargalhar, como se alguém o tivesse contado a piada mais engraçada de todas, retirando de suas costas o instrumento que nem Joaquim nem Antônio puderam identificar, uma foice.

O jovem garoto apertou o passo, literalmente correndo daquele monstro que vinha em sua direção brandindo sua arma.

Como em todo bom clichê o que você leitor, esperaria que acontecesse? Antônio corria desesperadamente na floresta, não conseguia enxergar quase nada, até que tropeçou em uma raiz de árvore, mergulhando ao chão para sua morte certa. Só que dessa vez, isso infelizmente aconteceu mesmo.

O velho, com vestes de fazendeiro, chegou ao garoto uivando de fúria, debruçou-se sobre ele, o que fez com que o pobre menino não pudesse se mover, apenas gritava por socorro, porém não havia ninguém por perto. Inúmeros golpes foram desferidos contra o abdômen, braços e pernas de Antônio, que agonizava de dor enquanto a lâmina do monstro cravada no peito do garoto, retirava-lhe o último suspiro.

Enquanto isso, no acampamento, os 3 jovens estavam cansados de esperar pelo amigo, decidiam qual seria a próxima ação do grupo.

-Está realmente muito frio, e acredito que todos estamos muito cansados de esperar aqui, acho que deveríamos procurá-lo._ disse Joaquim.

-Concordo, porém alguém tem de ficar aqui, cuidando do carro e das nossas coisas, embora essa ideia me dê calafrios, prefiro aqui, do que andando

por entre esses matagais. _falou Augusto enquanto tremia, de medo ou frio, ou os dois

-Ok, tudo bem então! Eu e Joaquim vamos atrás dele, quero que fique com isto amigo, proteja-se. _disse Bernardo enquanto entregava a pistola de seu pai para Augusto

Então assim aconteceu, Joaquim e Bernardo saíram atrás de Antônio, deixando Augusto sozinho, na companhia de uma pistola.

Augusto sempre foi muito medroso, quando mais novo, costumava morrer de medo de filmes como “A madrugada dos mortos” e, até mesmo da famosa música “thriller”, ou seja, bem medroso mesmo. E lá estava ele, sozinho no meio de um bosque às 4h30min, esperando pela volta de seus 3 amigos, na esperança de que pudessem sair ilesos daquele lugar.

Enquanto esperava, tentou ligar o rádio, sem sinal como esperado, olhou para os bancos procurando por algo que pudesse entretê-lo daquele tédio sem fim, nada, abriu então o porta-treco e começou a revirar as coisas que encontrava por ali, documentos do carro, chave reserva, e um CD antigo todo riscado, provavelmente mais um daquelas bandas de rock clássico, adoradas por seu pai. De repente, algo se mexeu na frente do velho automóvel, Augusto ligou o farol desesperadamente procurando por algo, não havia nada, nem sequer o vento soprava a mata, estava tudo muito quieto.

O garoto não teve tempo de reação, apenas sentiu os estilhaços do vidro que ricocheteavam cortando a pele de seu rosto, e os dedos que se entrelaçaram em seu pescoço, arrancando-o para fora do carro com apenas um puxão. Ele estava suspenso do chão, sendo estrangulado por um homem alto e muito forte, que o olhava com uma certa expressão de prazer, como se alimentasse da dor sofrida por Augusto.

Com um chute forte na barriga do homem, o jovem garoto teve tempo de se livrar e pegar a pistola que ainda se encontrava sob o banco do passageiro e o homem que havia se recuperado rapidamente já estava indo atrás do pobre garoto.

O sangue em seu rosto dificultava sua visão, empunhando a arma, Augusto mirava na cara do monstro, que vinha em sua direção rindo, muito

nervoso ele disparou. Infelizmente ele errou o tiro, o homem ria cada vez mais alto, erguendo Augusto do chão dessa vez sem tempo para tentar se soltar, o enorme homem, então, acertou-lhe um soco em sua barriga, como vingança do chute dado pelo garoto, e em seguida outro em sua cabeça, o jovem despenca ao chão, morto, com o pescoço quebrado.

Joaquim e Bernardo haviam acabado de sair do acampamento, e chamavam por Antônio, na esperança que ele respondesse e viesse ao seu encontro.

-Onde é que ele foi se meter?! Que burrice, sair assim, andando por ai sozinho!_ falou Bernardo

-Mas, hã... não é o que estamos fazendo agora?

Bernardo tropeçou em uma corda que suspendia algo no topo da árvore e caiu no chão machucando sua perna, Joaquim o ajudou a levantar, e quando olharam para cima, lá estava ele, Antônio, com seu peito totalmente perfurado pela lâmina de uma foice amarrada à corda que prendia seu corpo na árvore. Os dois entraram em estado de extremo choque, simplesmente não sabiam se choravam, corriam ou gritavam de temor e tristeza pela morte de Antônio.

-Meu Deus! O que...!? Como...?! Cara, nós temos que fugir daqui, agora!!_ disse Joaquim

-Ele morreu cara! Ele morreu, ele morreu..._disse Bernardo enquanto chorava

-Eu sei, nosso amigo - os olhos de Joaquim encheram-se de lágrimas- mas temos que sair daqui, quem fez isso pode estar mais próximo do que imaginamos!

-MAS EU VOU ACABAR COM QUEM FEZ ISSO! OUVIU BEM? VOCÊ AÍ, ESPERO QUE ESTEJA COM MEDO PORQUE VOCÊ VAI MORRER!_ gritou Bernardo

Joaquim tentava acalmar seu amigo, quando ouviram um disparo vindo do acampamento, Bernardo se apoiou em Joaquim e ambos foram para o local.

Chegando lá, não encontraram nada, apenas o carro com o vidro quebrado, Bernardo começou a chorar novamente e gritava cada vez mais alto.

-NAOO! Agora o Augusto! Quem está fazendo isso Joaquim?! QUEM?!

Joaquim não sabia o que dizer, estava estático, pensava nos amigos que se foram, nunca mais os veria, mas não podiam ficar ali, chorando e lamentando, ainda não, tinham de fazer algo.

-Vamos Bernardo, levante-se, temos que chamar ajuda!

-Ajuda?! Quem vai nos ajudar? E como chegaremos lá? Nós estamos perdidos, PERDIDOS!

-Acalme-se, a chave reserva está no banco do passageiro, vamos atrás da polícia ou sei lá! Mas temos que sair daqui!

Os dois entraram no carro, Joaquim colocou a chave na ignição, nada, tentou novamente, nada.

-Vamos! Vamos coisa velha, por favor, não nos deixe na mão!

-Nós vamos morrer Joaquim, nós já estamos mortos!_ Bernardo chorava desesperadamente

De repente Joaquim enxergou um homem em meio toda a escuridão, vinha na direção do carro, com um sorriso no rosto. O jovem parou de escutar tudo, não ouvia mais o choro e o desespero de seu companheiro no banco do carona, só pensava em sua família, como poderia ter dado um tchau decente na última vez que os havia visto, porém esse pensamento logo fugiu de sua mente, sendo preenchido pelo desejo de viver, ele não podia ficar ali parado, não podia desistir. Tentou o velho carro novamente, desta vez funcionou, pisou na embreagem, engatou a primeira e arrancou para cima do famigerado monstro que matara seus melhores amigos, acabou então batendo em uma árvore, e homem que estava todo cortado de estilhaços de vidro e pedaços de metal devido a batida contra do carro, se encontrava no chão, havia sido arremessado alguns metros longe do acampamento, parecia já estar sem vida.

Os jovens saíram ilesos, apenas com alguns arranhões, Joaquim ajudava seu amigo que ainda estava fora de si a caminhar para fora do bosque. MAS, essa história não acaba assim, o monstro se recuperava rapidamente e voltou a correr atrás dos garotos. Ergueu Bernardo no ar, com uma cara de alegria e prazer. Os esforços que Joaquim fazia para ajudar seu amigo eram

inúteis, o homem era muito forte. Então um tiro ecoou naquela escuridão, acalentando todos os outros barulhos, derrubando o monstro, observava-se um buraco de bala em sua nuca.

Era Augusto, empunhava a pistola de Bernardo com um certo sorriso no rosto, veio correndo na direção de seus amigos, que já haviam recobrado a consciência.

-Meu Deus, você está... vivo!_ disse Bernardo.

-Pensávamos que você estivesse morto, o que aconteceu aqui?

-Eu desmaiei, ele deve ter achado que eu já estava morto, e provavelmente foi atrás de vocês, quando acordei só pensei que devia ajudá-los e entrei no matagal, mas não encontrei vocês até escutar o barulho do carro, então vim correndo.

Os três jovens ainda lamentavam pela perda de Antônio e foram caminhando para enfim sair do bosque, o sol já pairava por suas cabeças e podiam ouvir-se sirenes da polícia que chegava ao local.

O cair da eternidade

Eduarda Christina Schuhmann

Enquanto a lua brilhar no céu e as ondas baterem no cais, continuará sendo um dia comum.

Era isso que pensava enquanto tentava não cair no sono no chão do bar. Com os olhos fechados e a cara encostada no balcão, ele ouvia tudo o que se passava lá fora. Ouvia o vento sussurrar ao passar pelas gélidas calçadas vazias de mais uma madrugada qualquer. Era mais uma noite insípida e nada parecia diferente, os grilos briquitavam tristemente em uníssono, compondo a única melodia que soava naquela noite, os cachorros que andavam pelas ruelas e becos caçando os restos dos lixeiros, nesse dia se deliciavam com o que havia dentro da caçamba de lixo atrás do bar onde o homem se encontrava.

Pela quarta vez naquela semana o homem ia ao mesmo bar e pedia a mesma bebida, seguida e interruptamente até o relógio marcar quatro horas da manhã, quando o dono do bar o acordava e pedia para que fosse para casa para poder fechar o bar. A monotonia da rotina não o incomodava, nem se importava em gastar o seu duro dinheiro em uma bebida aguada que sequer gostava, de fato esses momentos, ao fim da noite, eram a alegria de seu dia. O homem gostava de estar sozinho com seus pensamentos, principalmente na atmosfera daquele bar, vendo as paredes suarem e as sujas janelas ficarem embaçadas com o cair da temperatura ao decorrer da noite. E mesmo o bar sendo imundo e o garçom nem um pouco amigável, aquele ainda era o lugar favorito do homem.

Naquela noite, lembrara-se de seu pai, homem odioso, ensinou-lhe somente as coisas mais desprezíveis da vida e ao partir dela, deixou apenas seu rancor e suas dívidas para os outros resolverem. Aquele bar era a personificação do seu pai, desde o cheiro de cerveja aguada e mofo até a antipatia de seu ambiente, talvez fosse por isso que gostasse tanto dele, pela familiaridade da sórdida atmosfera, ou talvez por aquele bar parecer um fantasma da presença de seu pai.

A bebida descia amarga e queimava sua garganta já rouca, mas era o prazer que a bebida proporcionava que o fazia beber continuamente. Ele sentia-se como numa nuvem, todos os seus problemas se esvaíam devagar e uma névoa surgia cobrindo a realidade pouco a pouco, até tudo parecer mais brando.

O homem era solitário. Não tinha família nem amigos, sua única companhia era seu ego inflado e pesado que carregava para todo lugar. As pessoas abominavam sua existência e ele acostumara-se com a solidão. Apesar de morar sozinho, nunca voltava para casa, passava o dia todo fora, à noite ia ao bar como de costume, passar as últimas horas da madrugada se embebedando. Ao nascer do sol, caminhava pelo cais pensando em sua vida e a ausência dela, chegava ao fim do deck e contemplava imensidão do horizonte para, em seguida, olhar para baixo e ver as profundezas daquele escuro e infinito oceano que parecia chamá-lo.

Estava na sexta dose da noite quando se levantou e saiu do bar. Não pagou a conta e o garçom também não cobrou, pois sabia que voltaria amanhã. Caminhou por todo deck, os passos mais lentos que o normal, admirava tudo o que via ao seu redor. Tudo nunca lhe parecera tão belo, as madeiras podres do chão, os ratos que por lá caminhavam, o som ensurdecido dos navios, até as lixeiras lotadas de lixo que era devorado tanto pelas gaivotas quanto pelos roedores imundos lhe parecera bonito. Talvez ele mudara sua forma de ver.

Ao chegar ao fim do cais permaneceu de pé encarando a imensidão do horizonte. Admirava sua magnitude e beleza e, acima de tudo, a sua calma apesar das adversidades. Via que enquanto as ondas quebravam-se violentas e tempestades começavam a formar no céu, o horizonte mantinha-se inabalável, pomposo e austero, deliberante acima de todo e qualquer contratempo, impondo sua força e serenidade, mostrando ao homem como se portar nesse mundo tão cruel às almas conformadas.

A luz da lua que reluzia no céu, refletia-se igualmente majestosa no vasto mar, que, aos poucos, cativou o olhar do homem que agora olhava para baixo. Via tanto seu reflexo como o azul quase preto da água que se movimentava abaixo de seus pés. Ele ouvia o bater das ondas no cais e como esse som se combinava e se sobressaía de todos os outros sons ao redor. Ele

via a beleza daquele mar que o encarava de volta e o desafiava. Seus olhos estavam pesados e seu corpo amolecido dançava no mesmo ritmo das ondas, o homem se abaixava cada vez mais para encarar de perto aquele azul instigante e avassalador. Talvez fosse a bebida, ou o incitante mar, mas foi certamente as mãos firmes empurrando suas costas que o fizeram cair na eternidade.

Um visitante

Natália Platchek

Morta... Diziam que era uma doença, outros um mau espírito que a possuiu.

No centro da cidade, em uma casa de madeira amarela morava Odete, que costurava principalmente para crianças. Ela adorava sua profissão, mas trabalhava em casa para poder cuidar de seu esposo, Álvaro, que era dependente de sua esposa, pois havia sofrido um acidente, em que foi atropelado por um caminhão alguns anos atrás. Isso o imobilizou e afetou seu cérebro. Odete recebia ajuda de seus filhos e de um enfermeiro, mas ela não gostava de deixá-lo sozinho, por isso raramente saía de casa por muito tempo, como uma viagem ou um passeio.

Distante dali, Marcondes, um morador da cidade, costumava ter uma rotina monótona, todos os dias acordava para trabalhar, tomava um café e ia para seu escritório de contabilidade. Marcondes almoçava fora com sua família antes de voltar para o trabalho, durante a tarde tirava um tempo para tomar um café e continuar trabalhando. Assim que encerrava o dia, retornava a sua casa; Lá morava com sua esposa e seu filho. Dialogava com sua família durante a janta, tomava um banho e deitava-se para dormir.

Tia Odete contava-nos que sua casa era um portal para espíritos, por isso sempre cuidava muito bem de seu quintal florido, principalmente de sua árvore de Romã e suas roseiras, sempre explicando o significado de uma. A romã significa sorte, prosperidade, união (sementes unidas), amor e é uma das árvores mais antigas já cultivadas. A rosa branca significa pureza, inocência, segredo e representa a água e a lua. A rosa cor-de-rosa-chá significa admiração, simpatia e respeito. Esse jardim, segundo ela, agradava aos bons espíritos e assim demonstrava seu respeito por eles. Odete costumava tomar café da tarde as 16 horas, sentava em direção a porta de entrada, a qual deixava aberta para ver o movimento de rua enquanto tomava seu café. Algumas vezes que íamos visitá-la, ela nos contava algumas histórias sobre seus visitantes, que paravam para conversar e contavam sobre seus passados.

Após um tempo tia Odete adoeceu e precisou de maiores cuidados, deixando seu esposo ainda mais vulnerável, que acabou adoecendo também. Ela descobriu que estava com câncer, tentou fazer tratamento, mas nada mais a deixava melhor, até que tia Odete veio a falecer. Espíritos? Doenças? Acidentes? Não, morta apenas por suas próprias angústias. Seu esposo, que acabou ficando sem os cuidados necessários, alguns meses depois, teve seus órgãos paralisados por conta da doença, vindo a falecer também. Com a morte dos moradores da casa amarela no centro da cidade, seus cinco filhos herdaram a casa, concluindo que o melhor a fazer seria vendê-la para outra pessoa.

Marcondes foi quem comprou a casa de Odete, seu objetivo era abrir um novo escritório ali, mas algo mudou... Mesmo sem ter conhecido tia Odete criou os mesmos hábitos que ela, toma café da tarde as 16 horas, sentado em direção a porta de entrada, a qual deixa aberta para ver o movimento de rua enquanto toma seu café. Sempre cuidando muito bem do jardim. Ninguém nunca conseguiu desvendar o mistério que havia na casa.

O sonho entre os pés

Mateus Cesca

Faz 5 graus em São Paulo, João acorda com muito frio, dormiu com poucas cobertas e seu colchão todo furado. Sua única diversão e seu consolo era jogar bola com os seus amigos, principalmente Rodrigo, seu melhor amigo. Fazendo frio ou sol o menino estava lá, sempre com sorriso no rosto, gritava gol mesmo sem traves bem-feitas, a bola caía na vizinhança todos se escondiam, e os chinelos eram usados para fazer as traves, às vezes.

Na escola, os professores insistiam muito para que João, que era muito preguiçoso, se esforçasse, pois ele já tirava boas notas sem se esforçar muito, que dirá o fizesse.

João, após a escola, ia direto para rua encontrar com seus amigos e jogar futebol. Nesse dia o menino, no caminho da escola para a quadra, percebe que alguém o estava seguindo, mas depois disso se distrai e esquece e começa jogar com seus amigos.

João sempre voltava à noite para sua casa e levava toda vez um xingão da sua mãe, como ele chamava e a considerava, mas, na verdade, ele fora criado por sua avó e seu avô dos quais recebia todo carinho do mundo mesmo eles não tendo muitas condições financeiras.

O menino desde muito pequeno tinha um sonho, queria poder retribuir tudo que seus avós fizeram por ele, tirando-os da miséria e das condições precárias que viviam. João não tinha muitas oportunidades. Até que ao sair da escola, em um certo dia, como de costume, João estava caminho da quadra e seguido por um carro desconhecido, o mesmo daquele dia. Ao chegar a quadra, um homem desce do carro e vai ao encontro de João lhe oferecendo uma proposta de jogar para o seu time, ele e seu amigo Rodrigo. O homem, Ricardo era conhecido como “professor” na região, João e seu melhor amigo aceitam a proposta.

Todo dia depois da escola, os meninos iam para o treino com o “professor”, e assim começam a participar de vários campeonatos e torneios se destacando em muito deles.

Em um dos jogos pelo time, João é eleito o destaque da partida e, após o jogo, recebe um convite da base do Flamengo, para ele se juntar ao clube. João ficou sem saber o que fazer, pois iria abandonar seus amigos e, principalmente, sua família. Recebe, então, a orientação do seu professor que o incentiva e mostra que era uma chance única. João aceita a proposta e se despede de sua família amigos e se muda para o Rio de Janeiro onde joga por 2 anos e depois vai para Inglaterra.

João realiza seu sonho e, mesmo distante, consegue ajudar sua família, e tirando-a da miséria, ajudando também instituições de caridade do lugar onde nasceu.

O garoto já com 20 anos volta de férias para sua terra e vai ao encontro de seu antigo amigo Rodrigo que ainda morava no bairro. Chegando na casa de seu amigo, João é atingido por uma bala perdida em um confronto ali perto de policiais e traficantes.

Rodrigo sai de sua casa vai até João e tentando lhe dar forças, o garoto é levado para o hospital e no caminho acaba morrendo.

A colônia Briarcliff

Hellen Luiza Tormen

Misteriosos eventos ocorreram no ano de 1590, no interior da cidade de Chicago, resultados da morte inexplicável de cem membros da colônia de Briarcliff. Os espíritos dos mortos assombravam nativos de tribos vizinhas e novos moradores da colônia, levando-as à morte até os tempos de hoje, mas poucas pessoas tinham conhecimento dessa história e aquelas que conheciam temiam e mantinham distância.

Não havia casa, ou restos de casas que fossem, nem corpos, nem trilhas, nem pegadas, nenhum sinal de que, em algum momento, acontecera um confronto ali. Tudo o que restou foi uma cerca de madeira que servia como proteção de cidade circundando um enorme vazio de terra e, dentro dela, um poste de madeira com a palavra “Croatoan”.

Até hoje, ninguém sabe exatamente o que aconteceu com a vila, mas teorias é o que não faltam. Alguns dizem que a demora no envio dos suprimentos, juntamente com a seca que assolou a região durante aquele tempo, fez com que os habitantes dela a abandonassem e se juntassem com as diversas populações nativas da região. Outra teoria bem aceita é de que os “Croatoans” uma das tribos da região e a única que possuía uma certa hostilidade para com o assentamento matou todos os moradores, sumiu com seus corpos, destruiu toda a vila e deixou a placa no centro dela como um aviso.

Atualmente, neste local, havia uma mansão branca com monumentos antigos, estátuas e um jardim imenso tornando-a bonita e, ao mesmo tempo amedrontadora, local que por um tempo ocorrera aparições sobrenaturais.

O jovem casal Emma e Matt mudam-se para a mansão com o intuito de sair da cidade grande, pois no interior poderiam ficar um tempo juntos. Logo recebem também a visita de Lee a irmã de Matt com sua filha, era um local grande e espaçoso ótimo para Bendita brincar.

Na primeira noite na mansão Emma prepara um jantar delicioso para comemorar, com sua família, a nova moradia. Logo após, ela e seu marido Matt decidem ir à sauna que fica no lado de fora da mansão para observar a

lua que estava com uma cor diferente meio avermelhada e o céu estrelado. Matt curiosamente ouviu baixinho muitas vozes repetindo ao mesmo tempo sem parar “croatoan, croatoan, croatoan...”, e aquele sussurro aumentava e ficava cada vez mais alto e assustador. Matt e Emma correram rapidamente para dentro da casa e ficaram observando pela janela, apareceram misteriosamente várias pessoas desfiguradas adultos, jovens e crianças em roda da mansão. Eram antigos espíritos da colônia que surgiram e ordenaram a saída deles da casa recém comprada para o bem deles, seria apenas um aviso.

No outro dia pela manhã, Emma que não conseguiu dormir à noite por conta do ocorrido e não acreditava do que estava acontecendo com sua família. Ela queria sair da mansão e voltar para cidade não aguentaria ficar em local que era assombrado por espíritos, Matt sempre teimoso contestou a esposa e decidiu que iam ficar mais uma noite.

Lee estava esperando a temperatura amenizar, pois fazia 26°C e Bendita queria sair para brincar, quando já havia sombras entre as árvores, saíram da mansão e foram desbravar o local observando as flores, árvores e animais que ali se encontravam. Bendita se distanciou um pouco de sua mãe, era uma menina distraída, sem perceber que estava sendo seguida por duas pessoas que eram vizinhos distantes que avisaram para a menina que hoje era noite sangrenta a lua ficaria totalmente vermelha e os espíritos da colônia teriam vida e surgiriam para matar os habitantes da mansão que era amaldiçoada.

Ao cair da noite todos estavam dentro da mansão, Lee estava fazendo o jantar enquanto Matt e Emma fechavam as janelas e trancavam as portas, estava uma noite fria e com muita neblina. Quando se sentaram para jantar, Bendita conta o que os vizinhos haviam lhe falado à tarde, todos ficaram assustados, mas não levaram a sério acharam que ela havia inventado aquela história.

Fortes rajadas de ventos surgiram na madrugada sons e barulhos estranhos por toda parte, todos se levantaram das camas e saíram ver o que estava acontecendo. Matt olhou pela janela a lua estava vermelha como Bendita tinha contado. Vozes começaram a repetir “croatoan, croatoan, croatoan...” e os espíritos apareceram no quintal. Ouviam-se fortes batidas nas

portas e pedradas na janelas. Os espíritos tinham ganhado vida e estavam dispostos a matar todos.

Matt chamou todos para correrem até o carro e irem embora rapidamente quando entram no veículo, os espíritos balançam o carro. Houve gritos de desespero e Emma discutia falando que deviam ter voltado para cidade quando receberam o primeiro aviso, distraídos com isso os espíritos arrancam Bendita dos braços de sua mãe e é possuída por um deles, Emma foi tentar ajudar Bendita e acaba sendo morta com uma facada em seu peito. Matt e Lee conseguem sair da colônia.

Chegando à cidade ligam para uma viatura da polícia para averiguarem o local o dia seguinte não sabiam o que deviam fazer. Infelizmente não encontraram nada, a mansão havia sido queimada e o que restou foram pinturas escritas de vermelho com a palavra “Croatoan” para referir-se a uma pessoa que some sem deixar nenhuma pista, misteriosamente.

Os cinco ensinamentos da máfia

Gabriel Peretto

Era 1945, fim da segunda guerra mundial, Vito, um jovem de 23 anos considerado herói de guerra retorna para casa, ele morava nos subúrbios da Chicago com sua mãe e sua irmã. Apesar de todos os seus feitos na guerra ele voltava de mãos vazias para casa.

Era um menino nascido na província de Agrigento, que se encontra na ilha de Sicília, Itália, apesar de ser uma região de muitas pessoas ricas, a família de Vito era pobre, mas muito feliz. O pai dele queria migrar para os EUA, pois tinha o “sonho americano”. Como eram uma família pobre era algo muito difícil, Vito e sua irmã começaram desde muito cedo a trabalhar nas plantações de oliveira. Sua família trabalhava para Dom Scalleta, um mafioso que era um homem de muito dinheiro e influência na Itália. Então o pai Vito resolveu emprestar dinheiro de Dom Scalleta e pagar com o seu serviço, ele acreditava que assim ele e sua família poderiam migrar para os Estados Unidos em pouco tempo. Após alguns dias, o pai de Vito já estava com o dinheiro na mão, após alguns meses sua dívida estaria quitada.

Seis meses se passaram, Vito e sua família já poderiam viajar, antes de saírem de casa o pai de Vito fala:

- A partir de hoje nossas vidas vão mudar!

Vito estava muito empolgado com a partida. Era uma viagem de navio e levariam 15 dias para chegarem à América. Havia alguns perigos, boatos de doenças no navio e presença de saqueadores e bandidos. Mesmo assim, partiram.

O pai de Vito alerta sua família para ficarem de olho nas suas coisas, que apesar de não serem muitas, eram tudo o que eles tinham. Era o décimo dia de viagem, todos já estavam exaustos, o pai de Vito resolve sair do seu alojamento para tomar ar e avisa a família para ficarem onde estavam, pois a noite era perigosa. Durante seu passeio pelo navio, ele percebe que alguém o estava seguindo, então ficou em alerta e resolveu voltar para o alojamento. De repente ele sente algo perfurando sua barriga, era uma faca, tentou reagir, mas não conseguiu, pois já não tinha mais forças e caiu morto no chão.

Vito percebeu que o tempo estava passando e seu pai não voltava para o alojamento, então ele avisou sua mãe que iria procura-lo e que logo voltaria, após algum tempo de procura ele encontra o corpo de seu pai. Um choque para ele que grita:

- Paiiii levanta!!

Sem reação ele fica paralisado, um homem que escutou seu grito apareceu para ajudar Vito, ele vai até o corpo no chão e fala:

- Infelizmente garoto, seu pai está morto.

Ali uma parte de Vito morreu junto com seu pai, o assassino de seu pai não foi encontrado e Vito prometeu para ele mesmo que iria realizar o sonho de seu pai custe o que custar. Chegando na América, sua mãe e irmã desamparadas pensaram em voltar para Sicília, Vito diz que eles não voltariam e que ali eles iriam viver o sonho de seu pai. Logo se mudaram para Chicago em um apartamento alugado. Sua mãe encontrou um emprego em uma padaria. Ali Vito cresceu, conheceu um garoto que logo virou amigo dele, o seu nome era Joe, os dois viviam juntos e ambos tinham o sonho de serem ricos. Começaram a roubar, pois acreditavam que assim conseguiriam comprar o que eles queriam.

Naquela noite Joe e Vito resolveram roubar uma loja de bebidas, tudo estava ocorrendo como o planejado, mas, de repente, começaram a ouvir as sirenes, tentaram fugir, porém já era tarde demais: os dois estavam atrás das grades. Eis que surge uma oportunidade para Vito, pois após olharem seus documentos viram que ele era Italiano, como precisavam de soldados que soubessem falar inglês e Italiano para invadir a Itália de Mussolini, eles fizeram uma proposta para: se ele se alistasse para a guerra sua pena seria retirada. Como único modo de não permanecer preso, Vito aceitou.

Em março de 1945, Vito e sua tropa ajudaram a resistência italiana (Brigadas Garibaldinas) a capturar Mussolini quando ele tentava fugir para Suíça. Vito ficou conhecido por todos como um grande herói de guerra, mas quando voltou para seu país ele era mais uma pessoa normal querendo ajudar sua família à procura de um emprego.

Vito estava em péssimas condições, pois sua mãe estava desempregada e emprestou dinheiro de um agiota para pagar as contas. Ela não teve como devolver o dinheiro e os juros só aumentavam. E como era o fim da guerra estava difícil encontrar emprego.

Vito logo teve uma ideia, resolveu falar com Joe, mas já fazia dois anos que os dois não se viam, ele sequer sabia se Joe estava morando no mesmo endereço, mas valia a pena arriscar.

Chegando ao apartamento da mãe de Joe, ela logo o recebeu. Vito foi direto ao assunto e perguntou se Joe estava em casa. Ela respondeu que Joe iria chegar logo, ele apenas saiu para resolver alguns problemas, passados 45 minutos, Joe chega, Vito está esperando na sala, a mãe de Joe logo grita:

- Joe! Tem visita para você.
- E quem é mãe?
- Vai até a sala, é um antigo amigo seu.

Joe vai até a sala e vê Vito, os dois se abraçam, e começam a conversar sobre os antigos tempos, papo vem e papo vai, Vito fala:

- Vou direto ao assunto, preciso de um dinheiro emprestado, pois tenho que pagar umas contas atrasadas.

Joe convida Vito para dar uma volta, pois tem um serviço, e os dois precisam conversar. Chegando em um bar os dois param para beber e conversar, Joe fala para Vito que havia um caminhão de bebidas para eles roubarem e que se eles conseguissem ele poderia entrar para a máfia.

O roubo do caminhão foi realizado com sucesso, Vito entra para a família Falcone, uma família italiana envolvida com a máfia. No começo, faz vários trabalhos sujos, estava ganhando um bom dinheiro. Com o passar do tempo vai ganhando a confiança do Senhor Falcone.

A família Falcone tinha vários inimigos que precisavam ser eliminados. Senhor Falcone pergunta se Vito poderia eliminar algumas pessoas que estavam atrapalhando os negócios da família, o dinheiro era alto e ele aceita a proposta.

Quem ele teria que matar era o chefe da família Gagliano, algo bem difícil porque andava rodeado de capangas armados até os dentes, a única chance de Vito era plantar uma bomba no carro do Dom Gagliano. Vito e Joe arquitetaram o plano que seria colocar a bomba na ignição no veículo e, na hora que a partida fosse dada, o carro explodiria.

À noite, enquanto Dom Gagliano jantava em um restaurante, eles plantaram a bomba e esperaram até eles saírem do restaurante, no final tudo deu certo como o planejado, Dom Gagliano estava morto.

A única coisa que ninguém esperava é que isso resultaria em uma guerra entre as famílias da cidade, não demorou muito a família Gagliano queria vingança, todos pensaram que a pessoa que eles iriam matar era o Senhor Falcone, então sua guarda foi aumentada.

Senhor Falcone tinha um herdeiro Philippe Falcone, durante esse período Philippe e Vito eram os seguranças do Senhor Falcone. Em uma noite Philippe sai para ir a um bordel, ele contrata uma garota de programa e vai para o quarto, quando entram há dois homens esperando com metralhadoras. Era uma armadilha! Sem tempo para sacar sua arma ele é violentamente baleado e cai morto no chão. No dia seguinte, todas as famílias já estavam sabendo da notícia e o chefe da família Falcone declara guerra às outras famílias.

Durante um grande período houve muito sangue derramado e alguns chefes de famílias haviam morrido, então a comissão da máfia resolveu fazer uma reunião para acabar com a guerra e reestabelecer a paz entre as famílias. Senhor Falcone sabia que era uma armadilha e que ele seria morto, então ele fala para Vito que durante todo esse tempo ele jamais encontrou alguém que pudesse confiar igual a ele que fica lisonjeado e agradece pela confiança.

Falcone então fala:

-Provavelmente esta noite eu serei morto, eu sei que cometi muitos erros e nesse ramo em que trabalhamos erros não são aceitáveis, então como meu filho está morto eu passo a você o comando da minha família.

Vito responde que não pode aceitar e que irá fazer tudo para deixá-lo vivo. Falcone fala que já é tarde demais e que uma hora ou outra ele seria

morto. Antes de partir para a reunião ele deixa alguns conselhos para Vito em uma carta.

-Não confie em ninguém, mesmo que esse alguém seja de confiança;

-Mantenha seus amigos por perto e os inimigos mais perto ainda;

-Só corra risco se você puder lidar com as consequências;

-Faça o que tem que fazer;

-Ajude os outros, ficarão em dívida contigo;

No dia seguinte havia notícias em todos os jornais: “Chefão da máfia é morto”, nos jornais não se sabia quem havia matado Senhor Falcone, Vito sabia, mas ele não queria vingança ele queria uma história diferente ele queria construir seu império.

E assim se surgiu a família de Vito.

O quarto Nº 511

Anna Carolina Bossardi Rodrigues



Alemanha, 30 de outubro do ano de 1951. Chovia forte e o vento assoviava pela fresta da janela. Joseph procurava roupas de cama para entregar ao colega de quarto Neville que estava assustado num canto do quarto. Era a terceira vez que a cama de Neville aparecia molhada sem razões específicas, parecendo um aviso.

No decorrer do dia, as coisas foram acontecendo e, quando chegou a noite, e os meninos voltaram para o quarto e se depararam com manchas escuras na cama da esquerda, de Neville, que se perguntava sempre o que teria acontecido. Era Halloween e isso significava noite de histórias no internato e o tema era terror, estava sendo contada a história sobre um assassinato que ocorreu há muitos anos, nesse mesmo lugar.

A lenda contava sobre o dia 31 de outubro de 1745, era madrugada e dois garotos estavam a fazer uma trilha noturna na floresta quando se depararam com um homem de capuz preto com uma faca na mão, ele estava assombrando a região e os meninos desesperados correram para um manicômio abandonado e se esconderam em um quarto de número 511, mas infelizmente o homem foi mais rápido e tirou a vida das crianças. O mesmo homem que assassinou essas crianças continuou vivo assombrando e matando outras pessoas até hoje em dia. A história parecia ser verdade.

Cansados e com sono, Joseph e Neville subiram para seu quarto e foram dormir. O relógio estava quase batendo meia noite quando começaram a ouvir passos pelo internato, mas acharam que seria apenas algumas pessoas caminhando, depois começaram uns barulhos de batidas nas portas. No final do corredor, era possível ouvir um barulho de vidro quebrando e, quando os meninos levantaram para ver o que havia acontecido, a porta do quarto se trancou sozinha. Pela janela a sombra de uma pessoa aterrorizava os meninos, ia se aproximando cada vez mais deles, a cortina balançava com o vento revelando o rosto da sombra e, para surpresa de ambos, era o homem de capuz preto com sua faca na mão.

Manhã do dia seguinte, dois corpos são encontrados mortos no quarto de número 511 do internato, antigo manicômio da cidade.

Uma jornada sem volta

Henrique Faedo Do Prado

Peter e outros seis amigos se alistaram voluntariamente no exército britânico para lutar contra os alemães nas linhas de frente da primeira guerra mundial.

No seu treinamento eles aprendem a cavar trincheiras, atirar e como atravessar a terra de ninguém.

No final de junho, eles partem para o norte da França, são mandados para o Somme, são mais de 250 mil soldados que esperam para atacar as trincheiras alemães. Sete da manhã do dia 6 de julho, o apito de ataque é tocado e 250 mil soldados saem de suas trincheiras em uma área de 64km de extensão, os alemães abrem fogo com as metralhadoras, Peter e seus amigos se jogam em uma cratera no chão feita por um disparo de artilharia, e com o intenso fogo das metralhadoras, centenas de soldados caem nos primeiros 10 minutos da batalha.



Um marechal de campo os vê se protegendo enquanto todos os outros corriam para as trincheiras alemães e diz, avancem ou eu atiro! Ao se levantarem Helder um dos amigos Peter é atingido no pescoço e morre na hora,

eles tentam ajudar, mas ele já estava morto, e o marechal repete avancem ou eu atiro!

Para todos os lados havia corpos e soldados caídos gritando desesperadamente por socorro e, quanto mais perto eles chegavam das trincheiras alemães, mais homens eram atingidos pelas metralhadoras.

Então, o marechal manda todos se abaixarem porque ele havia solicitado artilharia. Ouvem-se 1000 disparos contra os alemães, ao final dos disparos o marechal manda todos se levantarem e correrem para as trincheiras alemães, e quando todos levantam, Willem, amigo de Peter, não levanta e também não se mexia.

Seu corpo é virado para cima, ele havia sido atingido por um estilhaço em seu abdômen e, como estava muito profundo, já estava morto.

Quando, finalmente, chegam às trincheiras, muitos alemães estavam mortos, mas quando começam a avançar alguns ainda estavam vivos, e começam a atirar, a troca de tiros fica muito tensa e os dois lados muitos soldados são atingidos, e os alemães acabaram se rendendo. Ao final daquele dia mais 50 mil soldados haviam sido mortos, e depois de um longo mês de batalha, os alemães recuaram 40km. Depois de quatro meses, a batalha foi vencida.

Ao longo dos meses que se passaram, Peter viu os horrores da guerra, e o que um homem é capaz de fazer com o outro. Um ano depois do Somme, o batalhão é enviado para Ypres, lugar que os alemães tentariam conquistar pela terceira vez. Eles haviam sido derrotados duas vezes, mas era de grande urgência uma vitória, pois era uma ponte para a França.

Como as artilharias disparavam todo dia, Ypres mal era reconhecida por quem morava lá antes da guerra, a cidade estava em ruínas e os campos cheios de crateras e trincheiras, as florestas já não existiam mais e tudo era um lamaçal. O batalhão de Peter ficou na floresta de Châteu, árvores nem tinham mais folhas nem o chão grama. Sempre era a mesma coisa, eles atacavam as trincheiras todo dia, os alemães não desistiam e continuavam atacando, estavam sobre as ordens de Ludendorff, um general alemão muito condecorado.

Com pouco suprimentos e munição dos dois lados, e combate corpo a corpo era rotina, desde o começo Peter já havia perdido 4 dos amigos que se alistaram junto com ele, como ele treinava luta antes da guerra ele conseguia sobreviver, mas seus amigos, não

Depois de 3 meses de luta, com pouca munição e suprimentos, o batalhão de Peter é substituído, são enviados para as trincheiras de reserva e, no caminho, as artilharias inimigas abrem um fogo pesado contra as linhas britânicas e todos procuram abrigo para se proteger, mas Peter não acha seus amigos e se esconde em uma cratera. Quando as explosões param, ele se levanta e escuta muitos homens gritando e pedindo por ajuda, ele fica desesperado procurando seus amigos até que ele vê Miller um de seus amigos morto, no chão sem as pernas e com a barriga aberta. Peter começa a procurar pelos outros, até que escuta um grito vindo da sua direita, ele vai correndo até lá, quando chega, vê Henry que estava com um estilhaço na perna.

Um médico o atende, informa que a artéria estava perfurada e já não tinha mais o que fazer, Peter começa a discutir com o médico e quando se dá conta, Henry já estava morto.

Duas semanas, dois amigos ainda estavam perdidos e ele já os considerava mortos, o seu batalhão é mandado para as linhas de frente novamente. O ataque começa, os alemães abrem fogo, mas Peter estava com muita raiva, correu direto para o inimigo e acaba sendo atingido no peito, perdendo muito sangue, começa a lembrar de sua mãe e de seu pai e de seus amigos, sua morte foi no dia seis de novembro, o mesmo dia em que os alemães se renderam e a batalha foi vencida.

Um maldito sonho

Victor H. de Moraes

Jair um homem de uma cidade do interior de São Paulo, uma aparência de homem bruto, do campo. Sempre com o revólver no coldre, trabalhava com agricultura, plantava soja em grandes regiões. Tinha uma família com dois filhos: Ana de 14 anos e Júlio de 8 anos. Neide era mãe dos filhos. O pai da família jogava todo dia no jogo do bicho, sempre sonhava com alguma coisa, algum número e ia correndo para o bar fazer sua aposta. O sono dele era tão profundo que sonhava até mesmo com outras vidas e novas tecnologias que poderiam vir. Achava que sonhava demais.

Jair estava em sua casa e saiu para olhar suas lavouras. Carregou sua arma e foi. Chegando na cerca da lavoura avistou de longe um porco fuçando em suas plantações, correu em direção ao bicho, quando estava muito próximo dele, o bicho desapareceu. Jair procurou e procurou, chamou até os filhos, Ana e Júlio, para ajudar na busca e nem sinal do porco.

Jair como era muito supersticioso decidiu ir logo no bar jogar no bicho, chegando lá, jogou no grupo do porco que era o 18. Saindo do bar, já estava indo para casa e um homem chegou gritando com ele e falando que Jair tinha matado o porco dele. Jair negou, pois não tinha nem sequer achado o bicho, os dois começaram a discutir, em cidade do interior, quase todos andavam armados, então, quando Jair pensou em levar o homem até sua casa para ver que o porco não estava lá, apenas sentiu o tiro. Um tiro e fim?

Nem milionário, nem louco, apenas sonhador.

Um romance ou uma tragédia?

Laila Su de Souza Sonda

Sexta-feira, finalmente. Havia passado a semana toda esperando por ela, era meu dia favorito. Como meu dia livre da semana, sempre saía com as meninas para fazer algo. Íamos ver um filme, comer em algum lugar diferente ou em uma balada. Independentemente do que fazíamos era sempre divertido. E, como sempre, hoje não seria diferente e isso me deu ânimo para levantar e ir para aula.

Eu não detestava a escola, mas estava longe da minha lista de lugares favoritos. Entretanto eu não tinha muitas escolhas, afinal eu não queria perder uma prova de literatura. Lamentava pela minha falta de escolhas enquanto vestia meu uniforme. Ao menos, eu estudei para prova, pensei ao lembrar de minha noite de sono. Olhei meu relógio e percebi que estava atrasada, terminei de me arrumar e peguei as chaves do carro e uma fruta e fui para o colégio.

Chegando lá ao descer do carro, eu tive a sensação de que algo iria acontecer, talvez hoje fosse um grande dia. Corri em direção às minhas amigas, para conversarmos antes de iniciar a aula. Estavam todas animadas para festa que iria acontecer hoje à noite, todos esperaram pela festa o mês todo, afinal não era qualquer dia que tínhamos uma festa na casa do filho prefeito. A casa dele era, sem dúvidas, uma das mais belas e luxuosas casas da cidade. Mas meu interesse não era pela deslumbrante casa do prefeito, e sim pelo seu filho primogênito, que estudava comigo desde o jardim de infância. Felizmente meu interesse surgiu há pouco tempo, seria vergonhoso ser apaixonada por ele desde sempre. Entretanto pouco tempo depois de descobrir minha paixão por Bernardo, ele começou a namorar. Foi uma grande decepção é claro, mas eu sabia que não ia durar muito, então pacientemente eu esperei pelo dia do término. E, adivinhem, ele veio mês passado. E hoje seria o dia que eu ia mostrar para ele os meus encantos. Conversei pouco tempo com as meninas, pois a aula já iria começar, sentei-me e tentei prestar atenção nas aulas.

As três primeiras aulas passaram rapidamente, enquanto eu tentava revisar tudo que iria cair na prova. Assim que o sinal bateu para o intervalo, fui em direção ao refeitório para encontrar com as meninas. Para minha surpresa, tínhamos companhia masculina essa manhã. Abri um sorriso, era Bernardo sentando na nossa mesa.

- O que eu perdi?- disse me sentando à mesa, ao lado do meu futuro namorado.

- O Bernardo veio confirmar a nossa presença na festa dele essa noite.- pronunciou-se Carolina, a inconfundível festeira do nosso grupo.

- Achei que você soubesse que nunca se perde uma festa dada pelo filho do prefeito. - disse sorrindo debilmente na direção dele.

-A presença de algumas pessoas precisa ser confirmada pessoalmente. – Bernardo sorria maroto em minha direção enquanto falava. – Como vejo que vocês irão não tenho mais com o que me preocupar. Deixarei vocês lancharem em paz. Espero vocês hoje à noite. – Levantou- se e deu uma piscadela para mim, enquanto saía.

- Garotas, eu não sei vocês, mas eu sinto que esse dia vai ser inesquecível. – afirmei animadamente.

Carolina e Louise riram do meu estado, e logo começamos a discutir sobre o que iríamos usar à noite. O tempo passou e tivemos que voltar para a sala, infelizmente não estudávamos juntas, fomos separadas em salas diferentes, porque, segundo a direção do colégio, estávamos prejudicando umas às outras pelo excesso de amizade. O quarto período chegou e junto com ele a tão amada prova, que era para ser uma das mais difíceis do bimestre. A professora chegou pouco tempo depois que os alunos estavam sentados, entregou as provas e então a tortura começou.

No meio da aula, ouviram-se gritos e todo mundo se olhou sem entender, começou um murmurinho, e professora pediu silêncio dizendo para ficarmos nos nossos lugares enquanto ela ia verificar o que estava acontecendo. Foi então que nós ouvimos tiros, e todo mundo entrou em pânico. Mas antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, a porta da sala foi aberta com chute, e

Lucas Grimes, o garoto que mudou de escola ano passado depois de o terem amarrado pelado em uma cadeira dentro da sala de aula no intervalo. Todo mundo tirou fotos dele e riram eu lembrava perfeitamente do dia, o garoto implorava que parassem. Eu não tirei fotos e nem ri, mas fiquei parada assistindo aquele show ridículo. E agora ali estava ele, com uma arma apontada para a cabeça de quem tinha rido dele e causado seu sofrimento.

-Vejo vocês no inferno. - disse ele, antes de começar a atirar na cabeça de todos os meus colegas.

Eu entrei em pânico, e me joguei debaixo da mesa, enquanto ouvia o barulho dos tiros. Fechei os olhos com força esperando que tudo desaparecesse, mas não desapareceu e então tudo ficou silencioso e eu pensei que tivesse chegado ao fim. Então senti o cano da arma na minha cabeça e senti meu corpo todo tremer.

-Achou que se você fingisse que não estava aqui, nada ia acontecer com você, como você sempre faz? - ele sorriu diabolicamente pra mim, negando com a cabeça – Vou te dar a mesma esperança que você me deu quando saiu da sala, depois de me ver daquele jeito.

E então ele deu as costas e saiu, e eu fiquei sem entender. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, fui arremessada com força contra a parede por causa da explosão. Enquanto caí desacordada no chão, entendi que era uma esperança vazia a que tinha me dado.

Viagem dos infernos

Camile Balestrini

Alto, grisalho, magro, aparentava ter uns 50 anos. Seu nome era José, casado e pai de 4 crianças: Alícia, Júlia, Emily e Marcelo. José trabalhava no único açougue da pequena cidade de interior em que morava com sua esposa e seus filhos. Sandra, sua esposa, não trabalhava, já que precisava estar sempre à disposição dos filhos, ainda pequenos. A renda da família era muito baixa e, por isso, muitas vezes, passavam frio, fome e sede. Usavam roupas recebidas de doações e sapatos velhos que encontravam nas ruas.

Enquanto o marido trabalhava, Sandra recebeu uma ligação. Nela, um homem de voz firme e misteriosa, ofereceu-lhe uma viagem para 6 pessoas, com tudo pago, em uma fazenda longe da cidade, porém, rica em belezas naturais, com grandes piscinas, açudes, chalés para hospedagem, maravilhosas refeições...

Sandra logo aceitou a proposta, sem hesitar. Afinal, ninguém de sua família havia sequer saído da cidade, com certeza ficariam muito felizes. Ela não sabia que estavam prestes a fazer sua primeira viagem. O homem que havia ligado não se identificou, apenas passou o endereço da fazenda e disse estariam prontos para recebê-los, a qualquer dia e horário, desejou boa sorte e desligou o telefone, sem ao menos dizer um adeus. Após a ligação, Sandra, desconfiada, porém muito animada, resolveu arrumar as malas da família, com as poucas roupas que tinham e logo já estava tudo pronto.

Assim que José chegou do trabalho, Sandra contou a novidade, porém o homem não ficou muito animado com a notícia. Alertou que essa viagem não era segura e que tudo isso estava muito estranho. Mas, ao ver a felicidade dos filhos e da esposa, ele resolveu aceitar a ideia, afinal, o que poderia acontecer de ruim em uma fazenda tão incrível como aquela?

No dia seguinte estava tudo preparado. José, Sandra e seus 4 filhos saíram da pequena cidadezinha, rumo à fazenda que o homem misterioso prometera. A viagem estava simplesmente incrível! Todos se divertiam e idealizavam dias maravilhosos na fazenda, mais ansiosos do que nunca. O tempo foi passando, já era noite e eles ainda não haviam chegado ao destino.

Entraram em ruas sem saída, bairros abandonados, estradas antigas e desertas...até que o combustível do carro acaba.

As crianças começaram a chorar. Sandra e José entraram em desespero já que nunca haviam saído da cidade e não conheciam aqueles caminhos por onde passaram. Estavam muito longe de casa e não faziam ideia de como poderiam voltar. Em meio ao desespero, Sandra avista uma pequena casinha, tomada pelo mato e com parte do teto desmoronando, resolve ir até lá para talvez obter alguma ajuda. Pediu para que todos fossem com ela. Ao chegarem na casa, decidiram bater na porta, mas ninguém os atendeu. Após mais de 20 minutos aguardando do lado de fora da casa, decidiram voltar para o carro e passar a noite lá mesmo. Quando viraram as costas para ir embora, a porta abriu, mas não havia ninguém ali. José e a família entraram na casa para ver se de fato, não havia alguém por ali.

Aquela casa era muito estranha, cheia de fotos antigas, taças quebradas no chão...a medida que a família passava pelos cômodos, se assustavam cada vez mais e mais. Até que Marcelo, um dos filhos, vê uma vela acesa, e ao lado dela, uma senhora ajoelhada, parecia estar rezando, muito tensa e nervosa. José pede ajuda a senhora, explica a situação da família e pergunta se por acaso, ela não teria um pouco de combustível para doar a família. A senhora se levanta e convida Sandra, Jose e seus quatro filhos, para sentar um pouco.

O que acontece a seguir não parece ser real: a família vê a morte de cada um de seus membros, iniciando por José, a mãe, e por fim os filhos.

O grito preso na garganta de cada um deles foi interrompido por uma batida na janela do veículo:

_ Precisam de combustível? O posto de gasolina não está longe.

José percebeu que adormecera e sonhara...

Ainda bem que todos estavam bem... E o homem que queria ajudar? Bem, aí já é outra história...

Do mal ao bem

Renan Brito Da Silva

Claudio estava na terceira série do ensino fundamental quando tudo começou, Claudio era baixo e gordo, quando todos os seus colegas começaram a zoar pelas suas características.

Claudio sonhava em ser dono de negócios, grandes empresas, mas seu sonho era impedido de crescer pelos seus colegas que desmotivavam toda hora, causando tristeza e depressão que prejudicava sua vida de várias formas.

Claudio não saía de seu quarto para fazer nada, nem para comer o que prejudicava muito sua saúde. A mãe dele decidiu chamar um psicólogo para tentar resolver problemas que o afligiam.

Ele começou a aceitar os conselhos e a superar suas dificuldades. Na escola, no entanto, nada mudava: era recebido com zoeiras.

Tentando seguir os conselhos da psicóloga tentou não dar importância para as bobagens.

Mas chegou em um momento que ele não aguentou e disse: UM DIA VOU SER CHEFE DE TODOS VOCÊS!

Então a sala ficou em silêncio e, logo em seguida, uma maratona de gargalhadas, Claudio não desanimou e continuou seu sonho, até que chegou a sua formatura. Claudio já trabalhava e já atuava no mercado financeiro e seus colegas nem rumo tinham.

Aqueles que um dia zoaram de Cláudio hoje pedem a ele ajuda para se inserir no mercado de trabalho.

Aquilo que o fizera sofrer um dia o fazia mais forte sempre e, apesar de eles não terem feito a adolescência feliz, não é necessário arruinar a vida deles.

Por isso hoje todos estão trabalhando juntos, afinal, viver é superar!

O dia da prova

João Marcelo Medeiros

Dia 27 chegou, a prova final do quinto ano e eu estava nervoso, suava a frio, estava preso ao meu eu interno pensando na hora da verdade. Eu havia estudado passado dias me preparando para aquele momento. Enfim chegou a hora. Sentei em uma cadeira entre várias outras, enfileiradas perfeitamente e avalei ao meu redor vários alunos nervosos. Enfim comecei a prova. Podia ouvir minha caneta correr pelo papel e minha respiração ofegante por causa do nervoso. Ouvia também o lápis que caía, rascunhos sendo amassados e gemidos de dúvida de meus companheiros. Então cheguei à última questão, aquela que é sempre um desafio. Mas desta vez eu sabia responder, havia estudado e estava a par do assunto.

Entreguei minha prova, parecia que estava entregando meu coração, mas este, no entanto, batia forte no meu peito pulsando a adrenalina no meu sangue pelo nervosismo. A orientadora disse para ir para a zona de espera e aguardar a lista de alunos aprovados chegar. Chegando ao lugar indicado percebi que havia demorado, havia muita gente ali já à espera. Percebi então que estava tão concentrado que o tempo voava. Neste momento, refiz a prova mentalmente, eu fora bem, mas, não tão bem para afirmar que passara, já que minhas notas não eram tão boas. Houve então a inversão na percepção do tempo. Agora passava devagar, eu podia ouvir soluços, tosses, choros, pequenos gritos de desespero, pés batendo de nervoso, mas o que realmente reinava era o silêncio.

Ouvi então lá da frente alguém gritar. A lista chegou. Eu não era alto, então me estiquei para ver e, finalmente, vi meu nome na lista. Fiquei muito feliz, Era meu dever e mérito. Fiquei ali estagnado, havia me libertado. Sentia-me livre, mas revi várias vezes meu nome ali por garantia. Quando fui embora já não havia ninguém, apenas eu, o silêncio e os grilos cessaram. E esse som seria por um breve período de tempo uma lembrança boa da minha vitória.

Fim do mundo

Katia Cristina Schuhmann Zilio

Era frio, chovia, o mundo acabaria hoje?

Era difícil dizer, pois a cada passo dado as pernas tremiam e avisavam que estava difícil continuar.

Sim a vida vazia, o álcool e as drogas estavam, enfim, colaborando com o fim... Não do mundo de todo mundo, mas o mundo dela: Karícia.

O som da vitrola já engasgava o refrão que cansava de repetir as dores do amor e da traição... O suor do rosto a impedia de ver claramente o quarto imundo que abrigara seu corpo durante os últimos meses. A agonia final não poderia ser mais dolorida... Afinal, o que é morrer?

Esvair-se de vida, não completar a jornada, fugir de tudo...

Isso era fugir, em grande estilo, viraria notícia de jornal seria estudada e investigada...

Tinha tudo !?

O que é que tinha?

Sucesso?

Dinheiro?

Amores?

Sexo?

Não tinha nada!

Era uma coitada!

Mais uma que estava esquecendo de si, esquecendo de tudo.

Esquecer era bom, não doía.

Era preciso esquecer...

Embriagar-se, drogar-se, impedir-se de viver.

Quem sabe não veria Deus.

Ah! Ele não teria tempo de entreter-se com uma qualquer. Não era pura, não tinha qualidades e fedia, como fedia.

O fim se aproximava, a despedida seria solitária. Não havia medo em seus olhos, somente a certeza de que fizera o que era para ter feito: nada!

E como um nada que era um nada se tornara e por isso ao nada se dirigia...

Olhava para o nada e, com esse vazio, empalideceu os lábios, parecia querer dizer algo, mas não daria tempo. Ah! O tempo esse inimigo de todos... Que passa e passa e não perdoa. O tempo passou, ela não vira, era o tempo e o nada... Seus companheiros de jornada vazia. Agora o fim, agora o tempo, ou a falta dele e o destino para o nada. De olhos abertos tentando buscar o que já não via, a boca escancarava o arrependimento pela vida mal vivida.

Na manchete do dia seguinte: Bebida drogas e desesperança: o caminho da super star Karícia.

Eva

Fernanda Caus Prado

O outono havia chegado. As folhas das poucas árvores espalhadas pelas ruas já conferiam ao chão um aspecto alaranjado. A brisa gelada invadia as frestas das janelas, fazendo com que as cobertas fossem tiradas dos armários. As manhãs tornaram-se levemente gélidas, corando os narizes daqueles que saíam para caminhadas pelas ruas ao som do assovio de um ou outro pássaro.

Era uma pacata cidade no meio do mapa de Santa Catarina, pequena, não mais do que quinze mil habitantes. Com antigas casas de madeira espalhadas por aí colorindo as ruas, apesar de, a grande maioria, já mostrar a cor da madeira oriundas das paredes descascadas devido ao efeito do tempo. Como a maioria das pequenas cidades da região, possuía uma economia predominantemente rural, com pequenos produtores locais. Extremamente religiosa, não era difícil encontrar uma igreja ou capela, e dentro das casas, raros eram os casos em que não se encontravam imagens de santos ou terços e cruzeiros espalhados.

Sem altas taxas de criminalidade, nada muito além de alguns atos de vandalismo e jovens dirigindo sem carteira de motorista ou com algumas gramas de erva nos bolsos.

Mas essa calma seria abalada numa manhã do mês de abril.

Era domingo, um domingo como qualquer outro. Enquanto os idosos acordavam cedo a fim de sentar nos bancos de madeira da igreja principal e frequentar as missas, os jovens estavam num certo estado de hibernação se preparando para a ressaca que lhes estava guardada. As famílias já se reuniam para almoçar quando uma viatura da polícia cruzou as ruas da cidade.

Os murmúrios logo começaram a correr de casa em casa. Os celulares vibravam com mensagens afoitas por possíveis informações que sanassem a intromissão dos curiosos. As pessoas se perguntavam o que poderia ser aquilo. Um acidente de carro? Uma briga de bar que teria acabado mal? Um homem bêbado chegando em casa e tentando agredir a esposa?

Enquanto alguns tentavam formular hipóteses para aquela aparição um tanto quanto estranha para um dia de domingo, outros espalhavam histórias incoerentes que explicariam tal acontecimento, outros ainda pareciam não demonstrar interesse por aquilo que poderia ser mais uma ocorrência fútil de rixa ou um arranhão ou outro gerado por uma leve batida de carro, mas não era.

Exatamente às 11h daquela manhã, o telefone da polícia tocou a primeira vez, seguido de outras seis ligações, nenhuma palavra foi dita, apenas leves resmungos e ruídos ouvidos ao fundo da ligação, mas impossíveis de serem compreendidos. Ao rastrear as ligações, encontraram um estranho endereço, já no fim da região urbana da cidade. Enquanto os boatos corriam por aí, o carro das autoridades se dirigia ao local indicado.

Ao chegar lá, um antigo galpão, com suas portas trancadas por cadeados, as janelas cobertas por tábuas de madeira, sem sinal de que alguém tivesse passado por lá há muito tempo. Apesar de suspeitarem de mais um trote vindo de jovens desocupados, resolveram entrar.

Quebraram as correntes, repletas de ferrugem, e abriram os portões. A luz do sol passou por aquelas paredes como se nunca tivesse feito antes. Com passos cautelosos, pouco a pouco, os dois policiais, Francisco, na faixa dos trinta e oito anos, moreno, com o cabelo em corte baixo e Luiz Carlos, com seus trinta anos, de cabelos raspados e pele clara, adentraram o galpão, repleto de poeira.

Enquanto os passos faziam barulhos nas pedras que cobriam o chão bruto, os olhos atentos buscavam algo que pudesse indicar algum problema e, a princípio, nada lhes chamou a atenção. Perceberam ao fundo do lugar, uma porta de madeira, tão velha quanto o resto da estrutura e para finalizar a inspeção, foram em sua direção.

Ao abrir a porta, um cheiro de podridão tomou conta do ar, mas o breu daquela sala era tão grande que nada conseguia ser visto naquele momento. Não havia uma só janela, dessa maneira, os policiais pegaram as lanternas que se encontravam no porta-luvas da viatura e voltaram ao tal ambiente. Entrando cuidadosamente, devido à falta de luz, os homens iam iluminando e

buscando a fonte do odor, até que seus olhos foram ao encontro de uma cena diferente de tudo aquilo que já tinham visto, que espantaria qualquer um.

No fundo escuro da sala, o corpo de uma mulher, com as mãos e pés amarrados, em uma posição semelhante à do Homem Vitruviano, em estado de putrefação. Os dois oficiais, foram até o carro, e chamaram seu reforço. Logo, não só os demais policiais da cidade estavam na área, mas também, os da cidade vizinha, mais desenvolvida, para que a perícia do local fosse realizada.

Fotos foram tiradas, o corpo levado ao Instituto Médico Legal, e os especialistas passaram a analisar a cena do crime. Não havia digitais, nem nada além da estrutura de madeira na qual o corpo tinha sido amarrado. O que teria acontecido ali? Quem teria feito aquilo? Naquele momento, as fofocas pela cidade já haviam tomado proporções maiores e já se comentava a existência de um corpo.

Feita a perícia, os policiais e investigadores já sabiam que se tratava de um homicídio, entretanto, precisavam aguardar o laudo do médico legista para dar um rumo mais preciso à investigação. No dia seguinte, uma ligação sinalizou o avanço da necrópsia, Francisco e Luiz, que assumiriam o caso, foram então até o Instituto ouvir o que o legista teria a dizer.

Chegando lá, entraram na sala, em que sob uma espécie de maca se encontrava a mulher que tinham visto naquela cena macabra, porém com seu corpo aberto e dessa vez, na forte luz vindo da luminária estabelecida em cima da maca, ainda mais disforme. Além disso, um detalhe que piorava ainda mais a situação: o cadáver estava sem os olhos.

O médico, Roberto, com seu cabelo já deteriorado no centro da cabeça pela calvície, e aos lados já tomados pela cor branca que os cinquenta e poucos anos trouxeram, se aproximou da maca e junto dos policiais admirou o corpo por alguns instantes e logo começou a falar.

- Há tempos eu não via nada parecido e, acreditem, eu já vi muita coisa. Ela devia ter entre vinte e cinco e trinta anos e foi deixada lá para morrer. Pelo estado de putrefação, eu diria que foi trancada naquele lugar há umas duas

semanas, deve ter suportado alguns dias em vida, e apesar de ter sofrido muito para respirar na posição que estava, rompendo boa parte dos vasos sanguíneos próximos do pulmão, a causa da morte foi desidratação. Basicamente, morreu de sede, de fome e, mesmo que não fosse por isso, nas condições que se encontrava, presa do jeito que estava, com os braços dificultando a respiração e defecando em volta de si mesma naquele lugar completamente fechado, com os ratos daquele galpão, logo morreria por outro motivo.

- E quanto aos sinais de violência? Acredita que ele foi agredida, estuprada, algo do gênero? – indagou Luiz Carlos, enquanto Francisco continuava a observar o corpo atentamente.

- É difícil dizer com o corpo no estado em que se encontra, mas até o momento, nenhum sinal que indique algum tipo de violência enquanto a vítima estava viva.

Nesse momento, Francisco desvia o olhar do corpo e rapidamente indaga:

- Enquanto a vítima estava viva?

- Realizei diversos exames, incluindo radiografias de todo o corpo, buscando possíveis fraturas, que pudessem indicar alguma informação, até que notei algo estranho, na região da cabeça da vítima. Voltei ao corpo e analisei milimetricamente toda a região, até que percebi lesões em volta dos olhos, mas que não haviam sido feitas enquanto a vítima estava viva, o que teria gerado uma hemorragia. Percebi que um dos globos oculares, o esquerdo, para ser preciso havia sido retirado anteriormente. Eu o retirei novamente e então tive uma surpresa.

Roberto então, abriu uma das gavetas, de onde retirou um pequeno saco transparente, que guardava um pequeno lenço de bolso de seda. Francisco pegou aquilo de sua mão e passou a observar.

- Ele tem gravado “L.G., 1, 2-5”.

- E o que significa? – rebateu Luiz.

- Isso já é com vocês, não comigo. – conclui Roberto.

Os policiais voltaram à sede, que agora era também frequentada pelos investigadores da central regional, provenientes da cidade vizinha, afinal não era comum um homicídio tão bárbaro acontecer, ainda mais em uma cidade como aquela.

Passaram-se os dias e as investigações continuavam, mas lentamente avançavam. Procurar aquele criminoso era como procurar um fantasma que não havia deixado rastros. Os investigadores buscavam entender o significado daquele lenço. Sem conseguir identificar a vítima, começavam a cogitar a possibilidade daquele crime ter um significado oculto, afinal, por que alguém que mata por vingança, desavença ou coisa do tipo, se daria o trabalho de matar com aquela crueldade, tão lentamente e ainda voltar ao corpo para deixar um pedaço de pano com um escrito para trás?

Dez dias após o corpo ter sido achado, por volta das 14h, cinco ligações chegaram à central, assim como as feitas naquele fatídico dia. Francisco e Luiz, já apreensivos, novamente as rastrearam e seguiram. Chegaram até o lago da cidade, que no verão, servia de lazer para as famílias locais, mas naquela época do ano, estava sempre vazio. A princípio, nada parecia incomum no local, mas temendo que aquelas ligações, tão semelhantes às primeiras recebidas, pudessem guardar um mal tão grande quanto antes, continuaram a buscar.

Sem obter resultados, chamaram então, mais uma viatura, além de apoio dos bombeiros, para que entrassem na água, em busca de alguma pista. Trinta minutos depois, lá estava a ajuda chamada. Foram 2h de busca, até que um dos bombeiros encontrou uma espécie de caixão, já no fundo do lago. Ao ouvir isso, Luiz e Francisco estremeceram, e logo aceleraram os demais profissionais que se encontravam no lago para que o retirassem da água.

Quando aquele caixote abandonou o estado de submersão, e foi colocado na terra ao lado do lago, notaram logo que nele havia um peso. Ao abri-lo, uma tristeza tomou conta de todos no local. Uma moça, muito jovem, já com os lábios roxos e a pele fria como aquela água, ali jazia. Novamente os mesmos procedimentos foram realizados e o corpo conduzido ao IML.

Os investigadores, policiais e todos aqueles envolvidos, começavam a se assustar, e tentavam esconder ao máximo tudo aquilo dos olhos da mídia local e até mesmo do povo da cidade. No dia seguinte, novamente os dois policiais e alguns dos investigadores foram ouvir o laudo de Dr. Roberto.

- Sinto muito meus caros, mas se vocês temiam que isso tivesse alguma relação com o outro crime, terei o desgosto de dar a vocês a confirmação. A garota deve ter entre dezoito e vinte e dois anos. Foi largada dentro do rio ainda com vida, acredito que não muito tempo antes de vocês chegarem no local, talvez até mesmo depois das ligações, causa da morte: afogamento, sem sinais de agressão, ou estupro. No bolso da calça, adivinhem.

- Um lenço. – respondeu Luiz com perspicácia.

- Xeque-mate. – completou Roberto.

- Os mesmos escritos? – perguntou Francisco.

- Parecidos, mas não os mesmos. – disse Roberto, entregando aos policiais o saco contendo o lenço, no qual bordado minuciosamente, “L.G., 1, 6-8”.

A cada minuto que se passava, mais intrigadas ficavam as autoridades. O tempo passava, respostas não apareciam e dois corpos já estavam sem vida. Milhares de indagações cercavam todos aqueles que de alguma maneira, acabavam envolvidos naquele estranho caso, mas as saídas não pareciam existir. Como alguém poderia fazer aquilo sem deixar rastros?

Francisco então, acreditando que as vítimas teriam sido dopadas antes dos crimes que levaram suas vidas, decidiu pedir um teste toxicológico de ambas as vítimas, para que pudessem compreender o que o assassino teria utilizado para consumir seu projeto, sem utilizar de força que deixasse vestígios das agressões. Os exames já haviam sido feitos por Dr. Roberto, mas devido ao estado de deterioração do primeiro corpo, os resultados demorariam a ser obtidos. Francisco, Luiz e o resto da equipe teriam que esperar mais uma semana para tê-los em mãos.

Cinco dias se passaram, quando o telefone toca, quatro vezes, e os mesmos ruídos foram ouvidos. Os policiais sabiam o que aquilo significava. O

assassino estava agindo mais rápido e a falta de informações estava tornando-os incapazes de proteger a população.

Rapidamente, as viaturas saíram em direção ao local do qual haviam partido as ligações: um terreno baldio em um dos bairros periféricos da cidade. Se perguntavam o que poderia haver ali, ou se a ligação teria vindo de um dos casebres da proximidade, contudo, não havia tempo a perder, afinal, todos ali sabiam que seja lá quem fosse o responsável por aquilo, não estava brincando.

Começaram então a analisar o terreno, e nada parecia incomum. Perceberam então um espaço de terra que se distinguia dos demais, como se tivesse sido revirado. Ao passo que perceberam isso, a angústia tomou conta de todos ali presentes e passaram a cavar o tal desnivelamento. Não demorou muito para que se ouvisse o barulho das pás batendo em algo concreto: um caixote de madeira. Mais que depressa, os oficiais ali presentes juntaram seus esforços e o retiraram de dentro daquele buraco, porém ao abri-lo já era tarde. Ali jazia mais um corpo sem vida de uma mulher.

No dia seguinte, os resultados do exame toxicológico já encontravam na mesa de Francisco no início da manhã: negativo, nenhuma das vítimas foi dopada. Luiz e Carlos seguiram para mais um encontro com Dr. Roberto, que novamente confirmou, não havia sinais de violência. A moça morrera de asfixia mecânica e como já se esperava, aquela jovem guardava consigo um lenço.

- "L.G.,1, 9-12" – leu Luiz Carlos, intrigado ao pegar o saco que continha o lenço.

- Já viram os resultados dos exames? – indagou Roberto.

- Sim, foram entregues essa manhã. – respondeu Francisco.

- Honestamente, desde que os vi estou intrigado. Não há um arranhão sequer nas vítimas, não foram agredidas ou violentadas; mas também não estavam sob efeito de qualquer substância. É como se simplesmente consentissem com sua morte.

O tempo passava e a angústia aumentava. A perícia e a linha de frente da investigação não conseguiam sair do lugar, como se caminhassem no escuro. O tempo parecia voar e todos sabiam que a qualquer momento

poderiam receber outra ligação. Havia se passado três dias do descobrimento do último corpo quando o telefone tocou outra vez.

Três ligações ruidosas e o tormento já parecia tomar conta de todos ali. As chamadas provinham de um local relativamente afastado em relação às anteriores, na zona rural da cidade. Deslocaram-se ao longo da cidade e em seguida por uma estrada de chão, passando por grandes sítios e fazendas, até enxergarem uma grande nuvem de fumaça, já acionando o corpo de bombeiros para que lhes amparassem e acelerando até encontrar a fonte de tal fogaréu.

Se depararam então com um campo sendo queimado e sabiam que ali devia estar aquilo que procuravam. Correram para dentro do campo, tentando se aproximar daquele incêndio o máximo possível, numa distância que ainda sim lhes garantisse segurança. Ao se aproximar, Luiz Carlos que liderava a fila de policiais, parou gradativamente de correr e virou-se para trás, abaixando a cabeça e coçando levemente os olhos, com ar de preocupação.

- Tem alguém ali. – Disparou. – Tinha, melhor dizendo.

Quase trinta minutos depois, o corpo de bombeiros chegou ao local, acompanhado do carro do IML que levaria o corpo carbonizado e assim o fez, seguidos por Francisco e Luiz, afinal já não havia tempo a ser perdido. Chegaram então ao IML e acompanharam a autópsia realizada por Roberto.

- Feminino, entre 20 e 30 anos, muito provavelmente morte por carbonização. – Dizia o médico enquanto analisava o corpo.

Roberto continuou a necropsia abrindo o corpo para que pudesse avaliar os órgãos da vítima. Nesse momento, Francisco se retirou até a sala ao lado, pois não apreciava assistir àquela cena. Alguns minutos depois seu companheiro também o seguiu. Após aproximadamente uma hora, Roberto abriu a porta da antessala na qual se encontravam os dois policiais dizendo.

– Foi queimada viva. Dentro do esôfago encontrei um lenço, ela o engoliu antes de morrer. “L.G., 1, 14-18”.

As buscas e investigações prosseguiram, até que depois de dois dias duas ligações foram recebidas. Levaram os policiais até uma casa, aparentemente normal. Sem respostas, a porta foi arrombada e lá dentro, dois

corpos de mulheres encontrados, na cozinha, sentadas à mesa como se tivessem partido durante a refeição. Uma das garotas, usava um lenço com os escritos “L.G., 1, 21-23” como guardanapo, posicionado na gola de sua blusa. Sob a mesa, quase inteiros, mas já com moscas, um grande peixe e um cordeiro assados. Novamente os corpos foram levados, com suspeita de envenenamento.

No dia seguinte, antes mesmo que os resultados dos exames comprovando o envenenamento pudessem ter chegado aos oficiais, o telefone tocou uma só vez, com os mesmos ruídos de sempre. As viaturas, uma ambulância e o rabeção seguiram até a localização rastreada. Tratava-se da praça da cidade, em frente à Igreja Matriz.

Ao chegar no local, uma surpresa: não havia um corpo a ser retirado. Os policiais passaram a buscar algum indício que pudesse indicar mais um crime, porém tudo parecia estar dentro da normalidade. Havia uma só pessoa na praça, sentado num dos bancos estava o padre daquela igreja, o Frei José. Um homem já de cabelos brancos, tinha por volta de 50 anos, observava tranquilamente as árvores e passarinhos da praça.

Depois de alguns minutos de busca dos policiais, o Frei levantou e dirigiu-se até Francisco, colocando a mão no bolso e de lá retirando algo.

- Acho que é isso que você procura. – Estendendo a mão e entregando à Francisco um lenço com o bordado “L.G., 1, 24-25” – Fui eu.

Francisco estava perplexo com o que via e logo gritou em chamada dos demais investigadores que o acompanhavam. O Frei foi algemado e levado à delegacia para prestar depoimento.

- Liber Genesis. – Disse o religioso.

Francisco e Luiz se olharam, com estranhamento, mas ao mesmo tempo compreendendo a origem dos escritos presentes nos lenços.

- Eu o fiz, assim como o Senhor. Liber Genesis, 1, in principio creavit Deus cælum et terram. Era a terra sem forma e vazia, trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: "Haja luz", e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas.

Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. – começou a recitar, enquanto Francisco e Luiz Carlos o observavam intrigados sem entender exatamente o que aquilo poderia ter a ver com os crimes.

José continuou:

- A primeira delas, sentiu a escuridão. Depois disse Deus: Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas. Então Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam embaixo do firmamento das que estavam por cima. A segunda delas, afundou nas águas. E disse Deus: Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça a parte seca. À parte seca Deus chamou terra, e chamou mares ao conjunto das águas. A terceira, voltou às terras. Deus fez os dois grandes luminares: o maior para governar o dia e o menor para governar a noite; fez também as estrelas. A quarta, sentiu o ardor do firmamento do céu. Assim Deus criou os grandes animais aquáticos e os demais seres vivos que povoam as águas, de acordo com as suas espécies; e todas as aves, de acordo com as suas espécies e disse Deus: Produza a terra seres vivos de acordo com as suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com a sua espécie" e assim foi. As duas últimas, envenenadas pela carne dos corpos daqueles que Ele criou. Deus criou o mundo e tudo aquilo feito por ele ficou perfeito, à sua semelhança, até que ela o estragou. Foi a boca dela que mordeu o fruto proibido e desgraçou a obra do Senhor. Elas só pagaram os pecados que o sangue entre suas pernas lhes conferia. Não precisei forçá-las a nada, nem ao menos usar da força ou violência, elas se entregaram em nome da maldição deixada por àquela criada a partir da costela do homem, eu só precisei conduzi-las em nome de nosso Pai para a salvação de seus pecados e criei uma obra tão plena e verdadeira como a dele "Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor."

Estupefatos com o que tinham ouvido, conduziram o Frei até a cela em que aguardaria as próximas providências. Muito ainda precisava ser feito e muito sobre as mortes precisava ser esclarecido, porém naquele momento, todos precisavam respirar um pouco. Ao tardar do dia, os policiais foram para

casa, onde aguardariam até o outro dia para que prosseguissem o depoimento de Frei José.

Ao chegarem à delegacia no dia seguinte se depararam com uma estranha movimentação. Foram conduzidos rapidamente à cela na qual se encontrava o Frei e vislumbraram o homem enforcado e na parede da cela o registro “No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou.”.